

CONVERGÊNCIA

JUNHO - 1968 - ANO I - N.º 5



tem sentido hoje a vida religiosa?





EDITORIAL

AS INTERROGAÇÕES que se faz um número crescente de religiosos já não dizem respeito aos hábitos, aos horários comunitários, às práticas, às Constituições ou à Regra da Congregação. Nem são as obras e as instituições, colégios, hospitais, paróquias, mantidas pela Ordem que aparecem como objeto das discussões mais vivas. Estes problemas que, há dois ou quatro anos, no início da renovação, vinham preocupando, progressivamente aparecem como periféricos e secundários ante questões primordiais que se colocam hoje. Qual o valor dos votos? Que vem acrescentar a consagração religiosa à consagração batismal? Se a santidade é vocação comum a todos, que há de especial na vocação religiosa? Como conciliar «a renúncia a valores que indubitavelmente merecem aprêço» com desabrochamento integral da personalidade?... E outras interrogações se sucedem, no mesmo teor, tôdas convergindo sobre a própria essência da Vida Religiosa. É o sentido, para o mundo moderno, da consagração, dos votos, da vida comunitária, que constitui a interrogação fundamental.

EM UM primeiro instante, tal interrogação pode alarmar. Ela parece estremecer os fundamentos das grandes instituições religiosas mais tradicionais. O medo e a insegurança, que de alguns se apossam, pode às vezes induzi-los a afastar o problema sumariamente. Pensam, com isso, solucioná-lo.

NÃO É essa, porém, a atitude capaz de contribuir para a superação da crise. Pelo contrário, é preciso convencer-se de que o que tem valor não teme a balança nem o julgamento. Mais ainda, é preciso ter fé em Deus

e em sua Providência, que não privará sua Igreja de seus dons. É preciso ter confiança, também, nos que se interrogam, pois, em geral, não é das camadas que se acomodaram em situações confortáveis que surge a questão.

ESTARIA, então, ameaçada de desaparecer a Vida Religiosa? Não é esta nossa convicção. Antes, a crise atual nos aparece como cadinho de purificação e indício de reflorescimento. Hoje, mais do que nunca, o homem busca a fé. Uma fé pessoal em um Deus pessoal, em uma adesão a Cristo, na aceitação das realidades humanas e terrestres, através das quais Deus se manifesta. É sobre esta fé, esclarecida e viva, que os homens constroem a Vida Religiosa. Esta vem a ser uma floração da consagração batismal daqueles que, por uma opção consciente e livre, escolheram tal caminho para atingir a perfeição da caridade. Nesse sentido, a Vida Religiosa constitui uma expressão mística de quem já adere pessoalmente a Jesus Cristo. Perderia significação se ela repousasse sobre motivações menos puras ou em uma fé imatura. Talvez seja por essa falta de maturidade, por ter sido a Vida Religiosa imposta a pessoas demasiado frágeis ou jovens para comportar tal expressão mística, que devemos aceitar a validade da interrogação fundamental. Não haja medo, porém, em fazê-la, porque não faltará quem a ela queira responder por sua existência translúcida e luminosa de fé em Deus. Os homens de hoje buscam o amor de Deus e do próximo, tanto se não mais do que nunca. E se a Vida Religiosa lhes oferece caminho para tanto, nêle encontrarão o sentido que ela tem para o mundo moderno.

CRISE DE PURIFICAÇÃO E INDÍCIO DE DESENVOLVIMENTO

A pessoa é um inviolável mistério. Igualmente inviolável é a sua liberdade. Contudo, sua plenitude está em abrir-se para a comunidade. Certamente, esta abertura não virá sem sofrimentos. Talvez as pessoas sejam atiradas como bolas de pingue-pongue por um centro indefinível. Todavia, é conveniente que assim seja, pois pessoa e comunidade são feitas de esperança. A pior coisa seria a estagnação





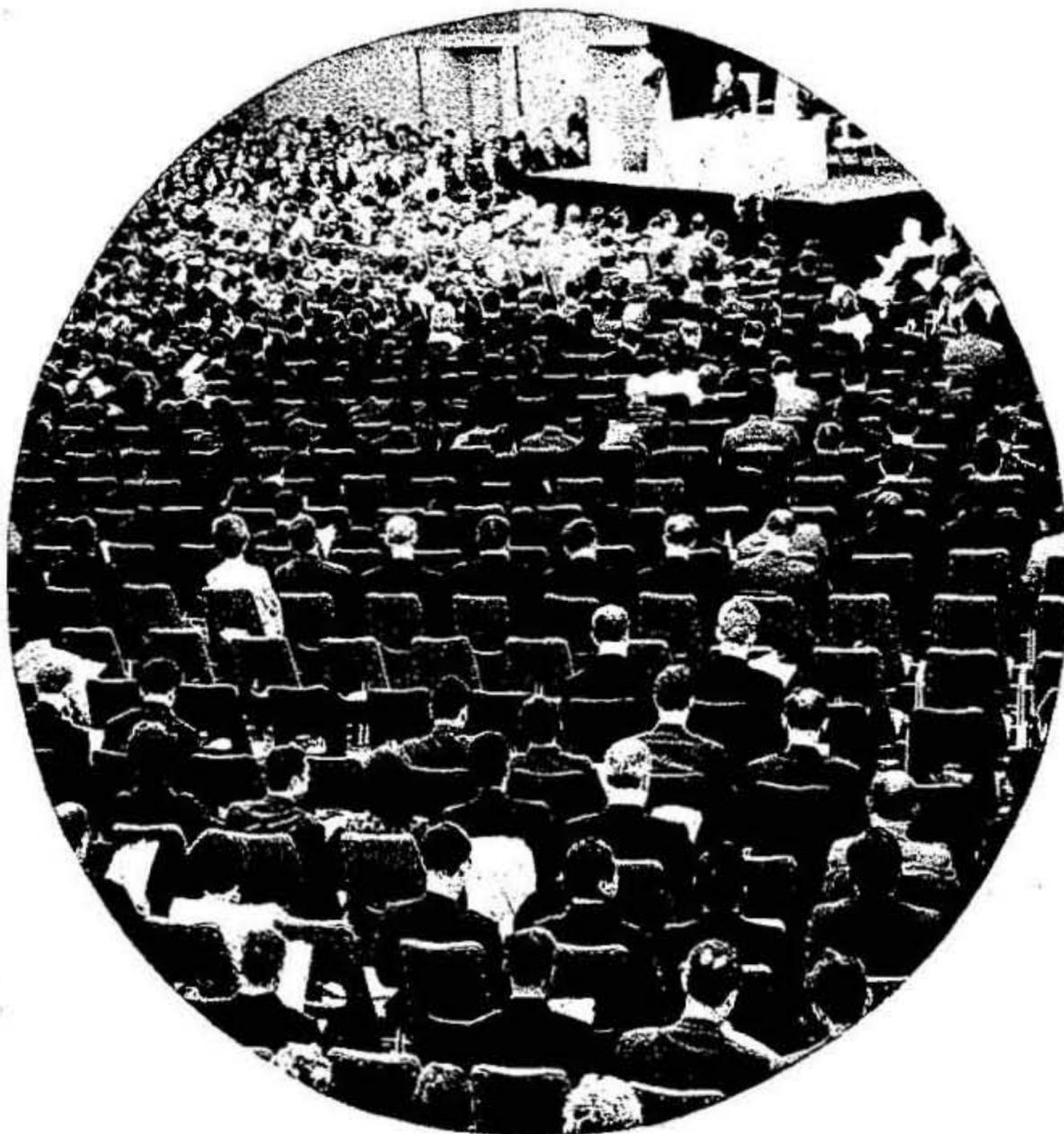
FORUM DE DEBATES

VIDA RELIGIOSA HOJE

O mundo de hoje sofre transformações rápidas e profundas, com repercussões inevitáveis sobre as pessoas e suas atitudes. Caem por terra concepções e modos de vida que até então pareciam imutáveis. A ciência e a técnica, desenvolvendo-se, aceleram estas mudanças e provocam a queda de interpretações míticas e mágicas do universo. Por outro lado, descobrem-se valores que, até hoje, embora não ignorados, na prática passavam despercebidos: a pessoa humana, o trabalho, os bens terrestres. Rapidamente, o homem estende seu domínio sobre a natureza e, com isso, percebe sempre mais nitidamente o fato de que ele não é objeto mas sujeito da História. Em outras palavras, liberta-se do fatalismo e do falso sobrenaturalismo. Sente profundamente a sua responsabilidade, *neste mundo*. Daí, o homem de hoje não vê sentido em fugir do mundo. Ao contrário, apela no sentido de que se removam os empecilhos e haja participação ativa no grande esforço para o desenvolvimento.

Os homens atuais não vêem com bons olhos aqueles que se fecham em guetos, não entendem uma participação à distância, uma participação apenas espiritual. Com efeito, os homens lutam com problemas concretos... Problemas que os afastam de Deus!





Enquanto houver pessoas e povos excluídos, a comunidade não pode descansar

Bloco errático?

Face a esta situação, parecem abalados os próprios fundamentos da vida religiosa. Até bem pouco tempo, ela obedecia a um esquema de separação do mundo. Todavia, com o desprezo pelos bens terrestres, esquecia-se a necessidade da presença, a amizade que faz participar, a participação que aprofunda a amizade: «morar em casas semelhantes, viver do trabalho das próprias mãos, desejar que os outros tenham ao menos as mesmas oportunidades que nós».

Será a vida religiosa um bloco errático, estranho e inassimilável? Tem-se a impressão de que, por muito tempo, ficou de lado aquela verdade bíblica de que «Cristo se fez semelhante a nós em tudo, exceto no pecado». É o próprio sentido da vida religiosa que se acha em jôgo. Com efeito, se o amor engaja as pessoas no serviço dos outros e se a vida religiosa as isola num amor à distância, que sentido pode ela ter?

Concretamente, isso traz uma série de tentações! Daí advém, tantas vezes, para os religiosos, um estado de tensão: perplexidade, insegurança, angústia. Não sabem como revelar, hoje, a presença de Cristo. Uns fecham os olhos e assumem atitude imobilista, outros preferem o gueto





eliminará o infantilismo religioso e o falso sobrenaturalismo, que desprezam os valores humanos.

A coragem da esperança fará aceitar e, mais que isso, assumir tôdas as exigências que implica esta presença dos religiosos no mundo:

- superar a dicotomia entre o profano e o sagrado;
- incorporar e aperfeiçoar os valores da vida presente;
- participar do esforço humano para o desenvolvimento;
- abraçar tôdas as novas possibilidades de serviço e de testemunho.

Assim, progressivamente, na medida mesma da caridade, os religiosos serão levados, em suas múltiplas e livres opções, a se integrarem no trabalho efetivo da construção da cidade humana. Com efeito, o próprio Verbo de Deus quis se encarnar, quis viver com os homens da sua terra e do seu tempo. Quando êle disse «Eu sou o caminho... ninguém chega ao Pai senão por mim» (Jo 14,6), muitos já lhe conheciam a família e a oficina, já o tinham visto nas festas.

tentando conservar indiscriminadamente o acidental e o essencial, outros ainda se enclausuram à espera de soluções mágicas, que venham por si mesmas, ou se contentam com adaptações superficiais. Muitos, não vendo possibilidade de solução, abandonam a vida religiosa, uma vez que a consideram obsoleta e irrecuperável.

Os leigos, por sua vez, diante desses conflitos e dessas demoras, talvez achem mais prático resolver tudo sòzinhos. E aqui se põe um dilema cujos dados, consciente ou inconscientemente, são confundidos: ou os religiosos se tornam fermento e se entra num processo de secularização, ou os religiosos se conservam em guetos, enquanto se constrói uma tec-nópolis sem Deus. Uma coisa é secularizar, outra laicizar.

Problema insolúvel?

Não há solução pré-fabricada para problemas destas envergadura. A tarefa é complexa. Exige profunda reflexão, aceitação de etapas intermediárias e contínua revisão do trabalho realizado. Exige fé. Exige esperança. E, sobretudo, exige caridade.

A reflexão, sob a luz da fé, fará descobrir a verdadeira dimensão das realidades e dos acontecimentos terrestres. Indicará, também, as novas formas de testemunho e serviço. Uma visão de fé mostrará que a vida religiosa não pode ser encarada apenas em função de seus membros, mostrará que ela deve abrir-se para o mundo e fazer-se presente na caminhada da História. A fé

Quem busca Deus encontra um mundo de valores, até hoje, encarados negativamente. Fugir deste mundo seria fazer o contrário do que Cristo fez



Uma nova consagração

Ninguém duvida de que seja preciso renovar. A dúvida aparece quando se procuram os meios. Entre os novos e os mais velhos (a diferença nem sempre está na idade), avolumam-se, de parte a parte, conflitos. Contudo, os novos deverão respeitar o trabalho válido que os antigos realizaram. E os mais velhos, por sua vez, deverão respeitar o trabalho que os novos realizam. Há valores transitórios, que fascinam certas pessoas e as prendem, impedindo

que caminhem no tempo e que acompanhem os seus irmãos. O resultado é que mudam, e de repente tais pessoas começam a já não compreender mais nada à sua volta. Acham que tudo está errado, que antigamente a coisa era outra, que hoje ninguém mais pensa em Deus. Na verdade, o que se passou durante o período de fascínio foi que tornaram definitivo o que era transitório e não viram o Absoluto, que é o eterno PRESENTE.

Pelos mesmos motivos de amor a Deus e ao próximo, ontem se buscava separar-se do mundo e



hoje se busca estar presente. Esta nova atitude tem como ponto de partida uma antiga verdade: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). E nesta mesma linha de presença e identificação, Cristo pede a seu Pai para os seus seguidores: «Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal» (Jo 17,15). Cristo diz que seus amigos «não são do mundo», ou seja, não se prendem a coisas nem a épocas, pois a ordem é caminhar para o Pai. Dêsse modo, a consagração que Cristo propõe aos seus amigos caracteriza-se pela presença e pelo dinamismo.

A vida religiosa, ativa ou contemplativa, terá sempre o mesmo caráter fundamental: amar a Deus, *servindo aos outros*, pois «aquêlê que não ama a seu irmão a quem vê não pode amar a Deus a quem não vê» (I Jo 4,20). Atentas a êste problema, muitas comunidades contemplativas preocupam-se em criar formas concretas de serviço aos homens. Um serviço útil, que lhes proporcione o próprio sustento e as impeça de ser um pêso para a sociedade. Nesta linha, está uma das conclusões do primeiro encontro de religiosas contemplativas realizado em Belo Horizonte (4 a 11 de fevereiro de 1968): «A necessidade de trabalhar para a subsistência desperta maior responsabilidade e a consciência de que se precisa de uma formação melhor nesse sentido».



Assim a vida contemplativa conservará o seu valor essencial de testemunho do Absoluto, acrescentando-lhe a dimensão de abertura para os problemas da comunidade humana em que se acha inserido.

É uma *nova* consagração: ela supõe que se abandone tudo aquilo que, hoje, ao invés de testemunhar, apenas serve para criar barreiras. Longe de ser um relaxamento, isso exigirá uma disponibilidade e uma consagração muito maior a Deus e ao próximo, porquanto supõe que se assuma tudo aquilo que de fato derrube as barreiras, crie laços de amizade e testemunhe a vocação universal à filiação divina. Neste sen-

tido, surgirá como uma exigência o desenvolvimento de todos os valores humanos, pois o amor presente e dinâmico da pessoa consagrada significa serviço.

Ora, a multiplicação de pequenas comunidades, mais humanas e fraternas, compostas de membros que respondam ao mundo com um trabalho multiforme e atualizado, poderá ser o testemunho positivo para os homens atuais. Pequenas comunidades, com seus membros unidos na amizade, sem privilégios, trabalhando como os outros homens, colocando a serviço de todos as suas qualidades, serão o grande sinal de que em Deus está a plena realização do homem.



Quem busca Deus encontra um mundo que clama pela justiça e pelo amor. Fugir dêste mundo seria fazer o contrário do que Cristo fez

Concretamente

● Vida religiosa é, antes de tudo vida cristã (*Lumen Gentium*). E a vida cristã nada mais é que a integração em Cristo morto e ressuscitado. Dêsse modo, está ultrapassada a questão de saber se a vida religiosa é ou não é mais perfeita que a vida cristã, pois não há nada mais belo que ser chamado e ser, de fato, filho de Deus.

● A vida cristã pode ser vivida de vários modos: matrimônio, celibato secular, vida religiosa. Todos esses tipos de vida são relativos, pois o absoluto é a vida cristã, ou seja, a vivência do Mistério Pascal.

● A vida religiosa é um testemunho peculiar da vida cristã. Em outros termos, é uma modalidade de organização, é um método de vida. Assim, não se pode dizer que a vida religiosa seja mais perfeita que a vida secular.

● Então, que é mesmo a vida religiosa? É a radicalização da vida cristã em um determinado setor da missão da Igreja no mundo. Radicalização significa dedicação exclusiva à missão, dentro de um determinado setor. De tal modo, só por força desta missão o religioso deixa tudo (pobreza), deixa o próprio lar (celibato) e responde ao apêlo manifestado concretamente nos sinais dos tempos (obediência).

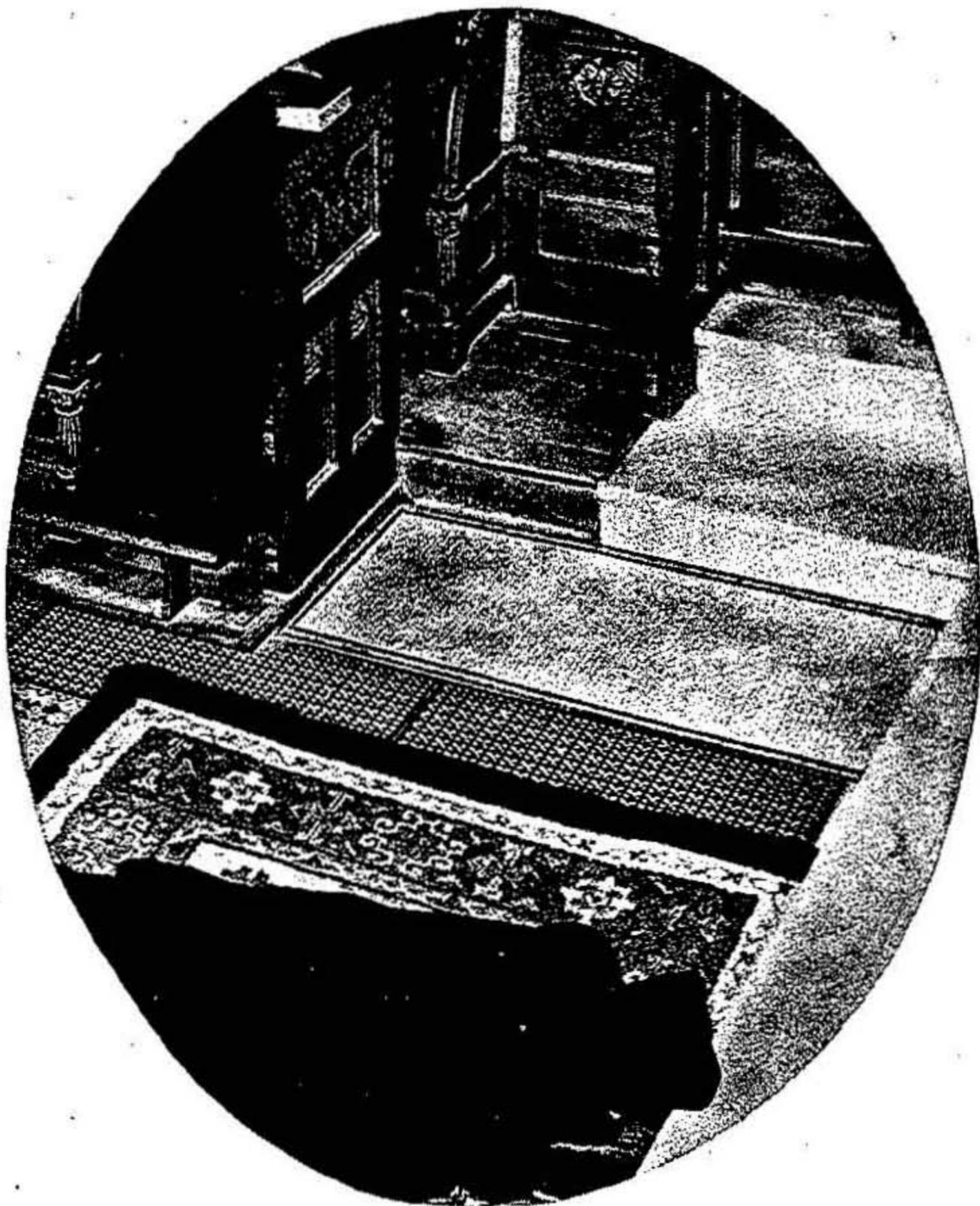
É preciso observar que votos e vida comunitária são valores relativos à missão, quer dizer, são válidos na medida em que ajudam a realizar a missão.

● Tal radicalização supõe uma opção madura, adulta. Daí o problema: será possível tal opção durante a adolescência? Não haverá muitas vocações religiosas *domesticadas*?

● A vida religiosa organiza-se olhando para o mundo, interpretando os sinais dos tempos, e não apenas adaptando constituições e regras. Neste sentido, São Francisco de Assis, quando lhe pediram para formular algumas regras de vida, apenas respondeu: «Não quero outra regra senão o Evangelho, sem comentários e sem glosas».

A comunidade deve inserir-se no ambiente em que nasce o apêlo e constituir-se de acordo com as suas exigências. A primeira dimensão da comunidade deve ser humana, baseada na amizade sincera e adulta, à luz de Cristo. Só assim, para o ambiente que a cerca, ela será sinal de fraternidade.

● A pobreza tem sua fundamentação na pessoa. Pessoa pobre é pessoa disponível para a missão. Exatamente como a pobreza de Cristo está na sua morte, isto é, na entrega total de si aos homens. É dessa pobreza de ser que brota a pobreza do ter.





Os homens de hoje precisam de um festemunho do ABSOLUTO, presente na cidade terrestre

A castidade, antes de tudo, é uma consagração da pessoa tãda à missão. Não se refere, nem primeira nem exclusivamente, a uma renúncia ao sexo. Se a pessoa não funda um lar, é porque optou pela missão com exclusividade (Mt 19,12).

A obediência não é abdicação da capacidade pessoal de decisão. É, sim, uma opção livre, espontânea e permanente para a missão. Obediência diz respeito aos sinais dos tempos, aos apelos de Deus através da realidade. Superiores e súditos devem obedecer ao desígnio de Deus inscrito no apelo da realidade. Dentro desta linha, quem quer ser o *senhor* seja o *servidor*. Daí, também, a importância do diálogo comunitário para a descoberta e a obediência livre ao apelo de Deus.





A Pessoa na Comunidade

Descobrir o valor da pessoa humana, descobrir Jesus Cristo é ganhar a esperança, é entrar na vida nova



**PARA
REFLEXÃO**

Diante da realidade, muitas vezes desnorteante, o homem corre o risco dos extremos: ou se mete dentro de uma armadura absurda, ou avança às tontas, deixando de lado os meios comuns que o próprio Deus lhe pôs ao alcance.

O **formalismo**, esquecendo a realidade da pessoa, faz acreditar cegamente na eficiência das armaduras: leis, tradições e estruturas... O **individualismo**, também esquecendo a pessoa em toda a sua realidade, joga fora os valores terrestres e humanos, sem estudar a tarefa que deve ser realizada. Formalismo e individualismo são duas características da imaturidade e do infantilismo.

Entretanto, formalismo e individualismo têm a mesma origem: não enxergam a realidade. E disso, ainda, provêm dois outros extremos: o homem se fecha ou no círculo tacinho de suas «necessidades» de luxo ou no mundo fantástico de suas «perfeições». De qualquer modo, porém, o resultado são as personalidades pobres. Personalidades que só podem constituir comunidades subdesenvolvidas.



Ora, entre o homem-animal e o homem-anjo, um e outro imaturos, o homem, no sentido exato da palavra, é a realidade que conta, tanto no plano individual como no plano comunitário. E aqui encontramos Cristo, o Filho de Deus, que é, segundo o pensamento e o coração de Deus, o Homem perfeito: ele viveu a realidade em tôdas as suas dimensões.

Aceitando plenamente a sua condição humana, Cristo era e agia como o irmão de todos, o irmão universal. Sob este aspecto, ele lançou por terra todo um conceito de grandeza e autoridade, até então tido e venerado como certo. Autoridade não é aquêle que está por cima, mas aquêle que serve mais. Assim, Cristo acaba, de vez, com o formalismo, arrasa o individualismo: «Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros» (Jo 13,13-14). Sem dúvida, este gesto de Cristo não é liturgia de uma vez por ano, mas uma vida de serviço que rompeu o círculo do egoísmo: egoísmo individual, egoísmo de grupo, egoísmo de uma humanidade fechada ao Transcendente.

Seguindo a Cristo, chega-se à descoberta da pessoa, da fraternidade e do Pai. Onde não se respeita a pessoa, não existe fraternidade. Onde não se vive como irmãos, o Pai é um ser distante. Onde o Pai não conta, a fraternidade não passa de um equívoco, e a pessoa humana sente-se abandonada e sem vínculos. Face aos apelos de Deus que se fazem ouvir através dos acontecimentos, também as comunidades correm o risco dos extremos: ou se tornam comunidades aparentes, — de fato simples aglomerados — mantidos sob um autoritarismo e tradicionalismo sufocantes, ou se assemelham a uma espécie de hotéis, que não passam de aglomerados. Ambos os extremos só podem resultar, com respeito ao mundo, ou numa falsa presença ou num alheamento fatal. Assim, só através do amor, as comunidades conseguirão manter sua unidade, sem cair no egoísmo de grupo, conseguirão outrossim abrir-se para o mundo, sem perder o dinamismo da unidade. Com efeito, na linha do amor, da amizade como Cristo a viveu, a autoridade e a tradição, os regulamentos e as estruturas valem na medida em que servem, libertam e abrem as pes-

soas para o serviço da grande comunidade humana. E aqui percebemos nítido o limite da autoridade, das leis, das estruturas, das tradições: elas exorbitam, tôda vez que impedem as pessoas de amar. Neste sentido, a crítica de Cristo aos fariseus foi contundente: «Por causa de vossa tradição, anulais a palavra de Deus» (Mt 15,6). Por outro lado, é também falha tôda «abertura» que destrua a oração, que não conduza ao diálogo, que acabe com a responsabilidade comum, que impeça o trabalho em equipe, planejado, revisto, reformulado, que obste a que as pessoas ponham em comum os próprios valores, que enfim desfaça o testemunho de uma fraternidade a serviço do mundo.

● É próprio do homem imaturo supervalorizar leis, tradições e estruturas. Tôdas essas coisas são para o homem, e não o contrário. Leis, tradições e estruturas humanas perdem sentido sempre que impeçam o serviço ao próximo. E não se deve apelar para o espírito de sacrifício, para a renúncia, pois renúncia e sacrifício não são fins, e sim meios que se tornam absurdos quando não conduzem ao fim.

● É próprio do homem imaturo jogar fora os valores humanos, como a inteligência, a técnica, a efetividade, a coragem, o espírito de iniciativa, o trabalho, a arte etc. O imaturo, umas vezes, cria um mundo de necessidades artificiais, outras, isola-se em uma busca de perfeições desvinculadas do real. Dêste ou daquele modo, ele sempre é incapaz de pôr em comum os seus valores reais.

● Cristo viveu no mundo. Participou plenamente dos acontecimentos de sua época. Foi carpinteiro, como outros são médicos, professores, pedreiros, engenheiros, motoristas... Serviu aos seus irmãos no mundo do trabalho. Fêz da autoridade um serviço de amor. Fêz da obediência uma fidelidade aos objetivos da Redenção.

● A comunidade imatura é um aglomerado de pessoas. Viver em comum não é fazer coisas em conjunto. Mais que isso, é viver pondo em comum a própria vida.

* * *

Esta comunidade madura, dinâmica, comunidade de vida e serviço é o testemunho que os homens desejam.





ECUMENISMO

O conceito **Ecumenismo** está se ampliando no sentido de abranger o mundo todo, não apenas os cristãos. Nem poderia ser diferente, já por seu objeto e finalidade última, já pela motivação do amor.

O Concílio Vaticano II autoriza, explícita e implicitamente, a abertura para todos: para os cristãos das outras Igrejas e comunidades eclesiais, para os membros das religiões não cristãs e para todos os homens. É, pois, por evolução natural, que se chegou à seguinte divisão do ecumenismo: ecumenismo interno de cada Igreja, ecumenismo interconfessional cristão, ecumenismo inter-religioso e ecumenismo sócio-político.

Até agora — principalmente em nosso meio — só as duas primeiras divisões ou noções entram no conceito e na prática do ecumenismo, como em geral o entendemos.

Etapas do ecumenismo

O objetivo concreto determina os métodos, o modo de agir, as divisões e limitações das atividades humanas. A história do movimento ecumênico prova esta verdade. Com efeito, tudo começou como um movimento interno de determinados setores de Igrejas protestantes e anglicanas. Nêle, essas Igrejas como tais não tomaram parte direta. Nos primeiros decênios, o ecumenismo passava por movimento de união protestante. Tanto assim que a presença dos ortodoxos não deixava de causar certo embaraço. A segunda Assembleia-Geral do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em 1954, em Evanston, apesar da Declaração de Toronto, em 1950, ain-

da não desfez a impressão de uma hegemonia protestante. Daí, a desconfiança das Igrejas de tipo católico. Só em Nova Déli, em 1961, na terceira Assembleia, a Igreja Católica está representada, modesta mas já confiadamente, por cinco observadores. João XXIII e o Concílio Vaticano II, a criação do Secretariado pela União dos Cristãos e, mais recentemente, uma comissão mista de representantes da Igreja Católica e do Conselho Mundial de Igrejas, bem como um Secretariado especial para o contato com as religiões não cristãs, foram as várias etapas da evolução que vem se apresentando cada vez mais ampla. Por fim, o espírito da constituição **Gaudium et Spes** atinge ainda maior abertura para a universalidade, na encíclica **Populorum Progressio**.

Ecumenismo interno

Por ora, limitemo-nos pois ao ecumenismo interno. Em cada Igreja cristã nota-se certa inquietação com respeito ao ecumenismo, tanto em nosso meio católico como entre os fiéis ortodoxos protestantes: luta entre conservadores e progressistas mais ou menos avançados, divergência entre fundamentalistas e **liberais**, no sentido de mais ou menos abertura à renovação e adaptação às exigências modernas. Conservadores, integristas e fundamentalistas preferem morrer entrincheirados em suas idéias tradicionais, erradamente tomadas por eternas e imutáveis, a aceitar novidades para eles suspeitas e nefastas. Os fundamentalistas não deixam de aceitar paradoxalmente a doutrina da dupla verdade, religiosa e científica. Os nossos integristas e conceitualistas chegam a ser mais católicos do que o Papa ou tão sabidos como os que condenaram Galileu à prisão perpétua. Identificam ou confundem teologia com doutrina revelada e opinião avançada de membros da vanguarda, sempre impetuosos, com a teologia renovada de teólogos abalizados.

Rui Barbosa disse na **Oração aos Moços** do Colégio Anchieta: «Quando mudo de opinião, progido sempre». O pior que pode acontecer com a sociedade e com a Igreja é a estagnação. A mania de aplicar aos renovadores na Igreja as palavras de São Paulo a Timóteo «os homens apartarão os ouvidos da verdade e se atirarão às fábulas» (**II Tim 4,8**) faz virar o feitiço contra o feiticeiro: os que negam o progresso tomam por verdadeira história e fato real coisas que são pura fábula. Nos primeiros tempos da Igreja, os tradicionalistas, enquistados nas fileiras dos judeus-cristãos, tornaram-se judaizantes, simplesmente por obstinação.

Desculpas e objeções

O fato é que o ecumenismo interno enfrenta muita oposição. O fenômeno apresenta-se tanto nas Igrejas não católicas como entre nós. Limitemo-nos, por ora, à situação na Igreja Católica no Brasil.

Enumeremos primeiro algumas objeções corriqueiras:

● O ecumenismo pode ser viável em grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e em mais alguns lugares. Entretanto, no interior, não o é, a não ser esporádica e muito limitadamente. Mesmo nos grandes centros há muita objeção e reduzido entusiasmo.

● O ecumenismo cria casos: houve já briga séria entre promotores entusiastas e conceitualistas prudentes. De outro lado, o próprio temperamento amistoso do brasileiro pode chegar a entusiasmar-se por algum empreendimento ecumênico, mas é um fogo de palha que se apaga depressa. E esta mesma mentalidade sentimental e superficial pode constituir um perigo, pois os protestantes, especialmente as seitas, se aproveitam da situação para cometer franco proselitismo.

● Outros alegam que o povo é ignorante e não compreende nada de ecumenismo. Antes de se poder pensar em atividades ecumênicas, é preciso instruir o povo nas coisas básicas da religião.

● Por ocasião das formaturas realizam-se cultos ecumênicos sem a devida preparação e, às vezes, com segundas intenções, a título de propaganda.

Por tôdas estas razões pessimistas, muitos católicos, e prin-

cipalmente membros responsáveis entre o clero secular e religioso, consideram as atividades ecumênicas de alguns pioneiros uma espécie de **hobby** bastante excêntrico.

Ecumenismo para depois?

Que responder a tôdas estas dificuldades?

Primeiro, elas se fundamentam em fatos isolados. Segundo, não justificam a conclusão de deixar o ecumenismo para depois.

Sejamos mais otimistas e não coloquemos o carro na frente dos bois!

O ecumenismo é, ainda, por demais considerado capítulo quinto do planejamento pastoral. Na intenção do Concílio deve haver profundo entrosamento entre as atividades pastorais a fim de se poder conscientizar todo o Povo de Deus. Conscientizar por meio da evangelização, em toda linha, promoção social, catequese, liturgia e ecumenismo. Conforme o decreto **Unitatis Redintegratio**, o ecumenismo alcança o seu objetivo quando abrange as atividades e iniciativas em favor das várias necessidades da Igreja e responde aos sinais dos tempos. O decreto recomenda, antes de tudo, a mentalidade ecumênica, um tanto negativa na forma, embora positiva na prática: nunca ofender os não católicos por palavras, juízos ou ações. Tomar por base a caridade, recomendada pelo Papa Paulo VI, já seria dar um bom passo para frente. Quantas vezes, principalmente no interior, protestantes não se queixaram de maus tratos recebidos da parte de católicos!

E se os outros se mostram agressivos ou insinceros?

É fácil encontrar no Evangelho a resposta: não revidar! E lembrar-se da palavra do Padre Manuel Bernardes: «De todos se defende quem a ninguém ofende».

E se a superficialidade do conhecimento da religião e do ecumenismo levar certos católicos ao indiferentismo? E se eles acharem que agora «tôdas as religiões são boas» e iguais? E se concluírem que o protestante pode ficar onde está, e eu posso passar para o protestantismo?

Julgar, por causa disso, que é melhor não falar a essa gente em ecumenismo é chegar a uma estranha conclusão pastoral. Com efeito, o método (?) de deixar o povo na ignorância é o mais comodista e negativo. Ao contrário, é preciso conscientizar os fiéis sobre o verdadeiro caráter do ecumenismo. Ecumenismo não é pluriformidade sem unidade.

E é preciso, sem dúvida, examinar sempre a possibilidade de dialogar com os protestantes. Com exceção das seitas e de alguma Igreja ou comunidade local ou regional que rejeitam qualquer aproximação para o diálogo, há com efeito indícios de mudança de mentalidade entre os pastores novos e ministros mais ilustrados. Vários entre eles se põem a par do ecumenismo por meio do contato com a cúpula mundial de suas Igrejas e através de estudos teológicos atualizados.

Os ortodoxos, que em grandes linhas confessam conosco a mesma fé, demonstram ainda certa timidez, mas não lhes falta boa vontade. Fatores não teológicos influem ainda muito para impedir uma franca aproximação.

Formação ecumênica

É a catequese que deve exercer importante papel na formação ecumênica das pessoas. Existe um livrinho editado em 1966 pelo Centro Ecumênico de Curitiba, dando orientação muito boa para a reta pedagogia do ecumenismo. No prefácio dizem os autores: «O Concílio não será uma realidade viva, se o Povo de Deus em sua totalidade não se deixar impregnar por suas conclusões e não se esforçar para inscrevê-las na vida cotidiana. Esta renovação, força do próprio Evangelho, deve penetrar em todos os setores».

Nas escolas primárias, tanto católicas como confessionais não católicas e nas públicas, é preciso gradualmente, conforme idade e compreensão, chamar a atenção das crianças para o amor a Deus e a todos os homens. Consultem o livrinho e adaptem as aulas às instruções pedagógicas e metodológicas todos os catequistas.

Nas escolas secundárias, além do mesmo espírito ecumênico nas aulas de Religião, será de muita utilidade que se coloquem na linha do ecumenismo também as aulas de História Pátria e de História Geral. Para este fim seria bom e até necessário o intercâmbio entre professores de religiões diferentes. Cada um deles, entretanto, deveria se comprometer a realizar sua missão sem preconceitos antiecumênicos: abrir os alunos para a convivência pluralista, para o eventual diálogo com os companheiros, na sinceridade e na verdade, sem as quais não pode existir o próprio ecumenismo.

Os dirigentes de seminários encontram no decreto **Unitatis Redintegratio** (10) e no **Optatum Totius** as diretrizes do Concílio a respeito do ensino da História.

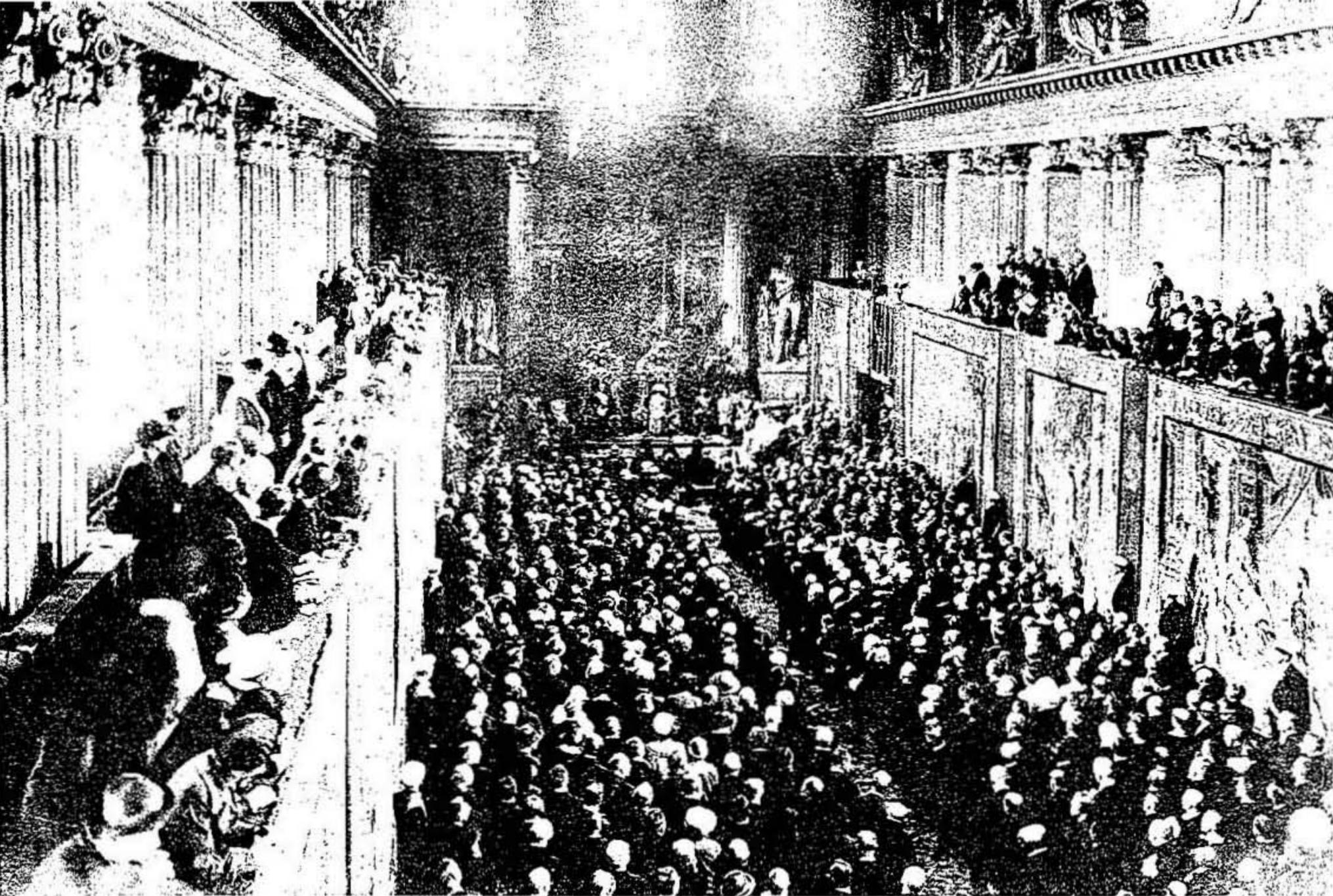
Inteligente convergência de forças

Quanto ao medo de favorecer segundas intenções nos pedidos de cultos ecumênicos em colégios não confessionais, não vejo motivo para se negar e sim para se atender. Será que uma missa de formatura não poderia dar lugar a certa suspeita de segundas intenções, por exemplo, de mero ou preponderante motivo social e não tanto religioso? Contudo, nem por isso se nega a missa de formatura.

Um culto ecumênico no dia de formatura pode perfeitamente servir para o contato entre os alunos de religiões diferentes. Isso favoreceria, ao mesmo tempo, o mútuo respeito, a união social e a agradável convivência.

A única solução do problema apresentado está na preparação. Com o auxílio de seus professores e catequistas, poderiam os próprios alunos incumbir-se desta preparação, fazendo dela parte integrante de sua festa de formatura.

Last not least, como diz o ditado inglês, nunca devemos deixar de considerar a finalidade das nossas atividades ecumênicas como obra da graça de Deus e da inspiração e ajuda do Espírito Santo. Todo o Povo de Deus sempre deve ser convidado, principalmente na celebração da Eucaristia, a almejar, com súplicas, a união de todos os discípulos do Senhor e filhos de Deus, de cuja união a Eucaristia é o sacramento apropriado. Improvisem-se nas preces dos fiéis, ao Ofertório, invocações ecumênicas.



Catedral de Upsália, sede da IV Assembléia

Para o mesmo fim, implorar a graça de Deus sobre as atividades ecumênicas, poderiam realizar-se, nos centros ecumênicos e alhures, dias de reflexão, unindo, em oração e meditação, os pastores e leigos das várias Igrejas.

A juventude já organizada com seus encontros ecumênicos poderá prestar sua valiosa colaboração para intensificar as atividades ecumênicas em muitos setores. O mesmo deve ser recomendado ao Movimento Familiar, à Ação Católica e a outras associações religiosas, principalmente em vista da celebração da Semana da Unidade.

Haja sempre, para a glória de Deus e o bem da sua Igreja, inteligente convergência de todas as forças em prol da unidade de todos os cristãos na promoção do **Ecúmena!**

Líderes cristãos de todas as partes do mundo estarão reunidos em Upsália, Suécia, de 4 a 20 de julho próximo, onde participarão da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, num encontro considerado o mais representativo da história do movimento ecumênico. **EIS QUE FAÇO NOVAS TÔDAS AS COISAS**, expressão tirada do livro do Apocalipse (21, 5), tema geral da Assembléia, será estudado sob seis aspectos que são os focos da responsabilidade e da missão cristã no mundo:

- o Espírito Santo e a catolicidade da Igreja
- renovação na missão
- situação econômica mundial e desenvolvimento social
- justiça e paz nos assuntos internacionais
- adoração a Deus numa era secular
- um novo estilo de vida



EXPERIÊNCIA

A VIDA É UM TRABALHO DE TODOS

Por sua natureza, a vida cristã é uma realidade aberta. Através dela, a Igreja deve dar seu testemunho de universalidade, de disponibilidade para todos.

Dentro desta linha, o religioso evita isolar-se em seu mundo particular, e as comunidades religiosas despertam, cada dia, para o problema do egoísmo de grupo. O que conta, é a pessoa humana, onde quer que ela esteja.

Ora, o Evangelho todo é o esforço de Deus, inserindo-se na história humana, com a finalidade de salvar o homem, este ser complexo, que sofre, ora de angústias profundas, ora de fome, de doença, de ignorância, de guerras... No plano evangélico, a salvação do homem é uma realização global, porquanto o homem é um todo, o homem não é feito de pedaços.

Face a esta necessidade de abertura para salvar os homens tais como existem e onde quer que existam, uma coisa aparece claríssima: a complexidade do momento atual exige também união de esforços.

Muita coisa está por se fazer. Todavia, as múltiplas experiências que neste sentido estão se realizando merecem destaque.



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

A primeira das experiências multicongregacionais dos religiosos do Brasil é a própria CRB. Ela reúne não só algumas mas todas as congregações religiosas, com a finalidade de procurar, em conjunto, seus objetivos mais fundamentais. Por isso, ela só existe como fruto desta união, é responsabilidade pessoal de cada um e não deve ser encarada como uma simples cúpula, uma espécie de mera central burocrática. Em sua nova imagem, a CRB tomou consciência de ser a «PROMOTORA DA VIDA RELIGIOSA em seus mais variados aspectos». Na variedade de missões das famílias religiosas, descobriu a CRB «um sentido de totalidade, sentido de corpo, exigindo organização e divisão de atribuições, sem repetições inúteis ou prejudiciais».

Os principais instrumentos de serviço da CRB são os seus Departamentos. Através deles a CRB, além de dar atendimento aos problemas materiais das comunidades religiosas, cumpre sua finalidade maior: implanta, consolida e desenvolve a vida religiosa no Brasil. São os seguintes os seus Departamentos:

- Departamento de Educação
- Departamento de Serviço e Assistência Social
- Departamento de Assistência à Saúde

- Departamento de Formação
- Departamento Jurídico Canônico
- Revista Convergência
- Serviço de Divulgação

Assim, procurando manter sua estrutura sempre atualizada e dinâmica, a CRB, através de seus vários órgãos, tem como objetivo «cooperar para a renovação dos religiosos e para a inserção mais eficiente dos mesmos na realidade brasileira, de acordo com as diretrizes pastorais do Episcopado nacional».

INSTITUTOS DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

Nos Institutos de Filosofia e Teologia, tanto de Belo Horizonte como de São Paulo, o que se vem realizando no sentido de uma formação aberta revela considerável avanço em relação à formação fechada dos seminários de tipo clássico.

Os IFTs, como a realidade o vem mostrando, têm proporcionado maior contato entre os candidatos das várias congregações. Têm facilitado o diálogo, a troca de experiências, têm permitido a concentração de recursos materiais e humanos, possibilitando experiências e pesquisas que, de outra forma, com professores de uma só congregação, por exemplo, dificilmente poderiam ser feitas. Os Institutos apresentam-se com três características:

- são um esforço conjunto multicongregacional;
- são uma realidade aberta a todos, inclusive a leigos: «O curso teológico deve, urgentemente, inserir-se no *campus* universitário e abrir-se a quantos desejam frequentá-lo» (*Convergência*, jan.-fev. 1968, p. 32);
- são uma realidade voltada para o homem concreto, inserida profundamente na história.

Nesta linha foi traçado o esquema do curso do IFT, em Belo Horizonte. Integrado por dois ciclos — um fundamental e outro sistemático —, o curso se preocupa em «abrir as mentes ao Mistério de Cristo que se relaciona com toda a história do gênero humano...» (*OT*, n.º 14). Um e outro ciclo, justamente por isso, evitam perder-se em abstrações, buscam a visão que o homem atual tem de si mesmo e seguem a linha nitidamente pastoral, como deve ser toda verdadeira teologia. Mas, acima de tudo, é preciso salientar que esta experiência dos IFTs, até o momento, tem permanecido aberta para a realidade. Seus iniciadores, segundo parece, estão conscientes de um fato: toda renovação que se satisfaz, que se fecha na ilusão de já ser perfeita, esclerosase.

médicos
professores
religiosos
agrônomos
catequistas
estudantes
enfermeiras
engenheiros
sacerdotes
sociólogos
assistentes sociais
seminaristas

A VIDA É UM TRABALHO DE TODOS





EXPERIÊNCIA DE CAMPANHA

Em 1905 foi fundada em Campanha, Minas Gerais, a Escola Normal das Religiosas de N. Sra. de Sion. Este estabelecimento logo se tornou um dos mais conhecidos atraindo alunas de diversos Estados. Aos poucos, também se expandiu e seu internato passou a ser um dos mais famosos. Sem dúvida, o espírito religioso, o amor e o devotamento estavam presentes em todo o trabalho. Todavia, enquanto o colégio recebia internas da região e de longe, permanecia distante da pequena cidade onde se localizava. As religiosas não saíam e quase não havia alunas externas.

Os sinais dos tempos

Sérios problemas se punham, de forma cada vez mais aguda, para as religiosas. Ir. Maria Geralda, então superiora, nos fala: «No fim de cada ano, uma multidão de crianças terminando a escola primária, chegava ao ginásio. E nós não tínhamos possibilidade de recebê-las. Pois, como aumentar as turmas não pagantes e pagar ao mesmo tempo aos professores? E nosso distanciamento da cidade? Como realizar melhor inserção no mundo que nos cercava, mundo de pobres? Estávamos lá, para um grupo de privilegiados: 200 crianças, das quais, as internas, para dizer a verdade, não tinham mais necessidade de nós, contando com outras escolas, mais próximas. Havia, também, o problema financeiro: nosso déficit aumentava. Era preciso, então, majorar continuamente a mensalidade das internas, que eram, em número, o dobro das religiosas. Em outros termos, havia uma religiosa para cada grupinho de duas alunas. E a imensa propriedade inexplorada? Escândalo para os lúcidos. Como, em sã consciência, dormir tranqüila sobre tal estado de coisas, depois da *Mater et Magistra* e do Concílio?»

As necessidades do povo

Oito dias antes do reinício das aulas de 1965 foi perguntado às religiosas: como veriam a instalação de uma escola do Estado em Campanha? «Com alegria», foi a resposta. «Se não podemos abrir nossa escola a todos, como poderíamos nos opor a que um outro o fizesse?» Em quinze dias foi instalada a escola estadual «Vital Brasil». Os Irmãos Canadenses fecharam seu ginásio. A Escola Normal do Sion tinha compromissos com as internas por mais um ano. Contudo, mesmo assim cedeu à Escola «Vital Brasil» uma parte das professoras religiosas e as outras arcaram com o peso de manutenção da escola do Sion. No fim do ano, a comunidade, livremente se pronunciou pelo fechamento da escola. A reação foi violenta mas a experiência prosseguiu.

Uma parte da propriedade foi vendida. Outras, alugadas. A casa está ocupada pela comunidade e por duas escolas primárias: a do Sion e um grupo escolar do Estado. Um prédio está alugado à Escola Vital Brasil e outro à Faculdade de Filosofia recentemente criada.

O colégio de Campanha não «fechou», abriu-se para as atividades do ambiente: congressos, seminários de estudos e até exposições agropecuárias são realizadas nesta casa de religiosas do Sion.

A cidade descobriu as religiosas. As irmãs ensinam em todos os colégios da cidade, inclusive no seminário. Algumas estudam em colégios públicos e descobrem um imenso campo de apostolado. A Comunidade ficou muito mais disponível para os movimentos de base. Missões de quarteirão foram começadas. E daí estão surgindo autênticas comunidades de cristãos, que começam a descobrir a Igreja.

A comunidade

O convento é independente das obras, é o centro da vida comunitária. Foi aí que se realizou o grande esforço de renovação interior: estudo dos documentos conciliares, meditação em comum, busca da unidade, a alegria e os problemas da descoberta do outro em sua verdade pessoal.

O trabalho prossegue e hoje uma comunidade estabeleceu-se em Monsenhor Paulo a pedido expresso do povo. A alma de toda essa experiência é responder às necessidades do tempo e do lugar.

MISSÃO DE FÉRIAS

Visando à implantação de comunidades eclesiais de base, foi realizada, pela segunda vez, uma *Missão de Férias*, em vários núcleos populacionais da arquidiocese de Vitória. Participaram das atividades 57 religiosas de 16 congregações e 6 leigos, de Vitória, São Mateus, Teófilo Otôni, Governador Valadares, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Trinta dias duram essas missões. Nesse período apenas se inicia o processo de formação das comunidades. O curto tempo das missões intensivas é preparado com meses de antecedência e, posteriormente, as irmãs continuam atuando mediante visitas, feitas de quinze em quinze dias ou de mês em mês. Tais visitas servem para fixar os grupos formados e incentivar-lhes o desenvolvimento.

O trabalho resulta de um esforço conjunto de muitas equipes, cujos membros provêm sempre de diversas congregações. Em cada lugar onde vai ser realizada a missão, procura-se, antes, fazer um levantamento da realidade e dos problemas locais, de modo que a equipe receba as necessárias informações. Com isso, há uma verdadeira troca de experiências, e não uma simples doação unilateral.

Ao término dos trabalhos, os participantes se reúnem para avaliar a problemática pastoral das localidades missionadas, para planejar as futuras missões e examinar o que elas significam no plano da vida religiosa.

Nas recentes missões realizadas em Vitória sentiu-se, claramente, a importância e a eficácia do trabalho realizado: entrosamento entre as diversas congregações e dioceses, engajamento mais efetivo e abertura para o outro em bases mais realísticas. Neste sentido, o relatório da avaliação conclui: «É claro que isto leva à angústia; é claro que isto leva a religiosa, quando volta para sua comunidade, a se sentir apressada pelo Espírito. Mas a Igreja reconhece que esta angústia é fonte de evolução, e esta pressa é necessária à salvação.

Com este trabalho descobre-se o que é ser irmão. Quando vivemos juntos por um mês, naquele ideal unificado, desaparecem barreiras de hábitos, de nomes, de estilos de vida. Há um só coração e uma só alma. O coração e a alma da verdadeira Igreja.

Sentimos, e isto é importante para nós, que somos responsáveis por esta Igreja em alvorecer. Descobrimos que não estamos mais em tempo de *eu e tu*, de *êle* alguma vez, mas tudo deve existir em função de um *nós*, que somos o Corpo de Cristo».

VOLUNTARIADO DE PROMOÇÃO HUMANA E SOCIAL

A IDÉIA do voluntariado surgiu em 1958, quando um médico, um enfermeiro e uma assistente social, pelo fato de terem sido beneficiados com bolsas de estudos, acharam que era um dever dar alguns meses de seu trabalho profissional às populações mais carentes de recursos no Brasil central. O grupo dirigiu-se à região compreendida entre Santa Maria das Barreiras e Araguacema, às margens do rio Araguaia.

Uma situação provocante

Decorridos três meses de trabalho intenso e enfrentando não poucas dificuldades, esgotados os medicamentos e os recursos com que se tinham provido, os três voluntários reuniram-se em Araguacema para avaliar o trabalho executado. A atenção do grupo voltou-se para as imensas áreas da Amazônia, com tantas riquezas naturais que se perdem por falta de uma exploração intensa quando não contrabandeadas por estrangeiros. Causou surpresa ao grupo a estatística conseguida ao fim dos três meses de trabalho. Ela revelava alta mortalidade infantil, alta incidência de malária e verminoses, moléstias carenciais, falta de higiene, atraso cultural, *exploração* do caboclo e do selvagem por parte dos *civilizados* brasileiros ou não, e inoperância dos poderes públicos na região.

Constatou-se que as únicas pessoas com as quais aquela gente podia contar eram os missionários com seus míseros recursos, os rapazes da FAB e um ou outro proprietário de barco. A maioria, porém, não estava disposta a fazer favores. Daí por que nasceu a idéia de se criar um voluntariado permanente para ajudar e incentivar o pessoal do interior. Assim, os três integrantes da expedição assumiram o compromisso de transformar a idéia em realidade.

Era o dia 4 de abril de 1958. Os três voluntários esperavam o barco que os levaria até Conceição do Araguaia, onde tomariam o avião que os deixaria em São Paulo. Enquanto aguardavam, grande número de pessoas se aglomerava em torno deles para se despedir. Foi então que perceberam o quanto aquele povo se afeiçoara a eles em tão breve espaço de tempo.



O responsável pelo Departamento de Assistência à Saúde, da CRB, padre Lydio Milani, conta a experiência dos Voluntários

Um trabalho que quase pára

De regresso a São Paulo, os voluntários fizeram palestras a grupos interessados sobre as experiências e as pesquisas realizadas no Brasil central. Conseguiram motivar certo número de pessoas, e sucederam-se várias outras expedições. Contudo, por falta de coordenação e pela escassez de recursos, o movimento foi perdendo força.

Em 1964, um dos integrantes daquela primeira expedição foi nomeado Diretor do Departamento de Assistência à Saúde da Conferência dos Religiosos do Brasil. Os planos apresentados à sua Diretoria Executiva obtiveram aprovação. Em algumas localidades da Amazônia já havia Voluntários do Papa, Voluntários da Paz, Voluntários belgas e italianos, que, apesar das dificuldades da língua, estavam fazendo um bom trabalho de promoção. Imperdoável falha seria ignorar essas forças quando, entre nós, não faltavam recursos e pessoas indicadas também para coordenar todo esse trabalho. Daí por diante, a CRB vem organizando o voluntariado, todos os anos, nos meses de janeiro, fevereiro e julho. Os frutos compensam o sacrifício, ainda mais na hora presente, quando se sabe que áreas enormes de nossa Pátria estão sendo vendidas a estrangeiros por grupos econômicos e quando já nós, os brasileiros, nos decidimos a não perder a Amazônia.

De onde vêm os recursos

O voluntariado se propõe colaborar com o Governo levando promoção. Para quem conhece a problemática dos Estados do Norte, isto significa levar saúde, educação social, educação sanitária, alfabetização e justiça, a fim de que aqueles habitantes se tornem auto-suficientes; significa apoio às iniciativas dos missionários e a outras instituições já existentes; significa proteger o homem do interior contra a cobiça de aproveitadores.

Contudo, isso exige recursos suficientes. Só assim poderão se organizar as expedições, de maneira que a presença dos voluntários na Amazônia seja permanente: regressando uma equipe, outra a substituirá.

Como toda organização, o voluntariado precisará de recursos financeiros. Boa vontade e entusiasmo não bastam. Pode-se dizer que, até o momento, o voluntariado contou com recursos que apenas lhe permitiram o aproveitamento de poucos inscritos. Dentre as muitíssimas dificuldades que surgiram, uma boa parte proveio de quem menos se poderia esperar.

Até o presente, a Conferência dos Religiosos tem arcado com a quase totalidade das despesas.

A MISÉREOR, organização alemã que ajuda os países em desenvolvimento, irá contribuir este ano com uma importância de NCr\$ 18 000,00.

A Cáritas tem colaborado fornecendo parte da alimentação aos voluntários.

A FASE deu parte da medicação.

A Força Aérea Brasileira transportou 43 voluntários e perto de 800 quilos de medicamentos e material.

Alguns laboratórios, como Wintrop, Enila, Laboratório Americano e Johson, colaboraram com certa quantidade de seus produtos.

O Ministério da Saúde forneceu medicamentos no valor de..... NCr\$ 460,00.

Trabalho executado

Até o presente, o voluntariado contou, entre os participantes, 15 médicos e 8 acadêmicos de medicina, 7 sacerdotes e 1 seminarista, 3 religiosas, 11 dentistas e 6 acadêmicos de odontologia, 5 agrônomos e 2 acadêmicos de agronomia, 3 assistentes sociais, 2 engenheiros, 17 enfermeiras e 6 estudantes de enfermagem, 2 auxiliares de enfermagem e 5 professores, num total de 96 pessoas.

ESTATÍSTICA

Setor Médico e Enfermagem:

Pessoas atendidas...	12 931
Pequenas cirurgias...	38
Partos atendidos....	123
Redução de fraturas.	5
Curativos	63
Atestados médicos...	23
Vacinas	5 030

Além disso, foram ministrados cursos para 133 atendentes de hospitais e para 85 *aparadeiras*. Também foram feitas 25 palestras sobre higiene e saúde pública.

Setor Odontológico

Pessoas examinadas.	7 201
Extrações	5 234
Aberturas de abcesso via oral.....	15
Aberturas de abcesso via extra-oral....	6
Restaurações	42
Próteses	5
Palestras sobre higiene oral.....	8

Setor Serviço Social

Entrevistas	82
Visitas e orientação de instituições ...	6
Palestras a grupos...	9
Pesquisa social	

Setor Educação

Foram dados cursos intensivos de alfabetização a 124 adultos, e curso de Pedagogia de ensino a 84 professores primários.

Enfermeiros, dentistas e médicos colaboraram dando aulas de higiene e saúde pública.

Setor Agronomia

Exames de solo.....	5
Palestras sobre tra- balho e conserva- ção do solo, seleção de sementes e ori- entação veterinária	8
Pesquisa de zooreoses	

Setor Engenharia

Planejamento de uma pequena usina elé- trica	
Construção de 4 fil- tros de areia	

Setor Religião

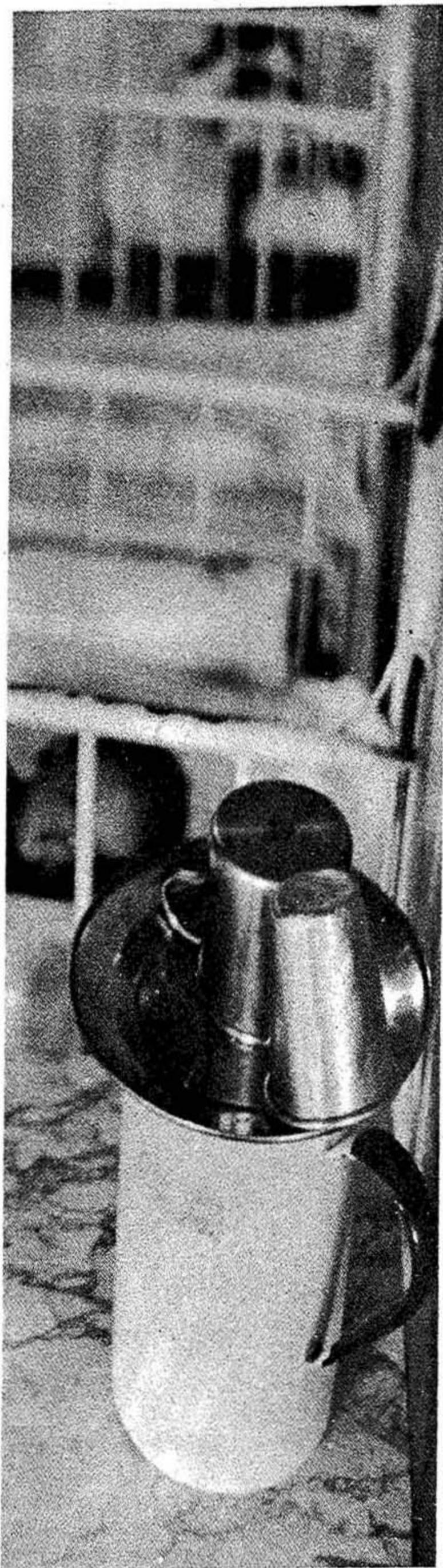
Os sacerdotes que integraram as equipes de voluntários substituíram, por um mês, vigários do interior que estiveram participando de cursos de atualização e de encontros de pastoral.

Avaliação

Apesar das dificuldades encontradas, os resultados do voluntariado foram satisfatórios. Algumas equipes não puderam realizar muito, devido às dificuldades de transporte local.

De modo geral, o voluntariado apresentou os seguintes resultados:

- trouxe promoção aos próprios voluntários por haverem tido a oportunidade de dar seus préstimos profissionais e terem visto de perto os problemas que afligem o interior;
- motivou muitos jovens estudantes a dar trabalho voluntário e a fazer pesquisas no interior;
- incentivou as iniciativas dos responsáveis das localidades onde se desenvolveu o voluntariado (prefeitos, políticos e pessoas de influência) e os conscientizou no sentido de tomarem atitudes ante os problemas que se apresentam;
- levou ânimo e coragem aos missionários e àqueles que, sem o mínimo de assistência, não se estabeleceriam na Amazônia;
- fez com que alguns médicos, enfermeiros e dentistas se fixassem na Amazônia por um ou mais anos;
- promoveu algumas cidades que, pelo fato de o médico se fixar nelas, também conseguiram Juiz e Delegado.

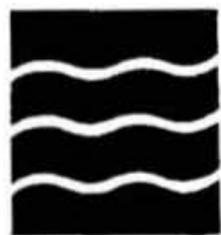




MOUCHETTE

(A VIRGEM POSSUÍDA)

Prêmio do Office Catholique International du Cinéma:



**ARTES
E TÉCNICAS**

Pela fidelidade ao espírito de Bernanos, pela arte de situar numa perspectiva espiritualista esta trágica história de uma criança vítima dos homens, pela compreensão atenta do autor com relação à sua heroína, cuja morte não é um fim mas um comêço, pela beleza do filme cuja riqueza só se descobre depois de se ver com penetração

Bernanos escreveu *La nouvelle histoire de Mouchette* em 1937, quando estava em Maiorca. Inspirou-se para escrevê-la quando via os exilados republicanos espanhóis serem despejados na Ilha. «Quero escrever o que vi num livro que conta a história de uma jovem perseguida pelo sofrimento e pela injustiça». Bernanos ainda pôde recomendar Mouchette à graça divina.

Como veremos, Bresson também o faz, porém muito ligeiramente. Sua fé jansenista assume proporções enormes. Com sua complicada visão do mal, Bresson tem em *Mouchette* o seu filme mais rigoroso, e no mais alto nível artístico e estético. A menina-môça Mouchette vive numa aldeia da Provence em circunstâncias terríveis. A mãe sofre de doença incurável. O pai é alcoólatra e um pequeno contrabandista. Mouchette tem de cuidar do nenê. O ambiente na vila e na escola lhe é hostil. O único ser humano que olha um pouco por ela é um ladrão de caças que mora na floresta, alcoólatra também e epilético. Durante uma tempestade, ela vê esse homem ter um de seus ataques. E logo depois ele a violenta. Antes que a menina possa abrir o coração com a mãe, esta morre. Mouchette procura três mulheres que fingem querer ajudá-la. São mulheres beatas e orgulhosas. Uma delas lhe dá um vestido que poderia ter servido de mortalha para a mãe. Com esse vestido Mouchette rola de uma colina para a lagoa na floresta. Não quer mais viver.

Suicídio

Mouchette portanto é a história de um suicídio. Quando os círculos se fecham, cada vez mais, na superfície da água, ouve-se o *Magnificat* de Monteverdi.

Como sempre, Bresson só usa atores amadores no seu filme. Mouchette (Nadine Nortier) é bancária na vida real e, da maneira como se apresenta no filme, é de uma autenticidade sinistra. Também a escolha dos outros personagens é requintada. Assim, por exemplo, as três mulheres que querem ajudar. Há uma, entre elas, de um catolicismo atormentado, desse tipo de mulheres das quais o padre encontra dezenas diariamente, nas primeiras

missas da manhã. Que é que tais mulheres podem oferecer a Mouchette? A falta de compreensão, a maldade, a falta de amor que a impelem para a morte. É pungente a seqüência final do suicídio. Há duas tentativas frustradas. A primeira vez é quando passa um trator com um homem que olha a cena. A segunda são os arbustos que a impedem de cair na água. E quando na terceira vez o consegue, o corpo já está sem alma. Pelo menos esse efeito teve em mim a imagem final.

Pequenos pontos, manchas coloridas

Quem conhece o *pointillisme* na pintura, digamos de um Seurat, compreenderá o que quero dizer agora. Na pintura são pequenos pontos, manchas coloridas, que no conjunto fazem o quadro, com objetos reconhecíveis nos tons impressionistas da época.

Bresson constrói seu filme de maneira análoga. O filme compõe-se de pequenas observações que por si sós não têm importância, mas que tôdas juntas formam a imagem total de uma vida. São figuras, ações, objetos, sobretudo olhares, movimentos das mãos, que colaboram para se chegar a um filme completamente equilibrado. Bresson não deixa nada entregue ao acaso ou à improvisação. Tôdas as seqüências são preparativos para a seqüência final, que é uma das mais carregadas e pungentes da história do cinema. A gente mal ousa levantar-se da cadeira, e o *Magnificat* de Monteverdi que «enveloppe le film de christianisme c'était nécessaire» (R. Bresson), curto demais para a total iniquidade mostrada no filme. Sem essa chave musical transportando as notas para uma outra tonalidade, Bresson teria traído Bernanos e seu «tout est grâce», pois a predestinação jansenista teria sido por demais sublinhada, escapando por um fio daquela fatalidade pagã das tragédias gregas. Mouchette não tem opção alguma. Ela é empurrada para a autodestruição. O ambiente é totalmente corrupto e egoísta. Ela mesma também não presta. Joga lama nos companheiros. A sociedade paternalista nada compreende de sua vida. Ela é vítima de tudo e de todos, mesmo na brincadeira da quermesse. Aí está uma ligeira diferença, entre Bresson e F. Fellini. O *Magnificat* fez-me lembrar as crianças que

DEPOIS de *Journal d'un curé de campagne*, é esse o segundo filme adaptado de um livro de Georges Bernanos. Construído como verdadeira «musique des images», é de uma beleza incomparável, porém entristecedora, porque Robert Bresson obscureceu ainda mais Bernanos. Bresson confessa, num estado de extrema melancolia, que a salvação e a graça só poderiam alcançar o homem neste mundo se ele não vivesse tão privado do amor. De fato, essas coisas nunca o alcançam neste mundo.



passam cantando e os sinos que repicam na seqüência final da agonia de Augusto no filme *A trapaça* e que nos fazem acreditar na salvação do mesmo. Augusto porém tinha laivos de bondade com a filha e com a pobre aleijadinha, que ele não quis enganar. Mouchette não só é algum anjinho, é má, voluntariosa, revoltada.

Isto é cinema

Bresson expressou tudo, sem ser patético um só minuto. Seu estilo é o de sempre, sóbrio e austero. Usa uma só objetiva, quase sem *close-ups* nem *travelings*. O diálogo é sumário. Entretanto, todos os adjetivos e advérbios de Bernanos aí estão. Estão nos movimentos das mãos (lembra-nos a sinfonia das mãos em *Um condenado à morte escapou*). Estão nos olhares cruzados, nos objetos e nos sons (o choro do nenê e o vento na floresta).

É uma mistura sutil e harmoniosa de imagens e sons. Isto é cinema, mas de uma tristeza sem fim...

GUIDO LOGGER

ENTREVISTA COM BRESSON

Alguns trechos da entrevista de J.-Luc Godard com Robert Bresson permitem-nos compreender melhor a obra do diretor de *Mouchette* e mesmo da obra de arte cinematográfica em geral.

Godard pergunta a respeito da *improvisação na criação cinematográfica*. Bresson responde-lhe que a improvisação está na base da arte cinematográfica, ajuntando imediatamente que é necessária para se poder improvisar uma base muito sólida. Quer dizer, é preciso que as coisas sejam muito bem elaboradas no pensamento e no papel. Sem isto, corre-se o risco de se perder num labirinto. Diz Bresson textualmente: «Os problemas que não posso dominar no papel, às vezes resolvo-os trabalhando. E agora que isto acontece comigo cada vez mais, percebo que os achados repentinos atrás da câmara levam ao uso cada vez mais intenso do *medium* cinema. Dar forma é muito importante para mim, talvez o mais importante. Pode ser que a forma nasça espontaneamente por meio da improvisação. Em todo caso, é a forma que faz o filme. O cineasta trabalha com elementos da realidade, e o que importa é a ligação entre esses elementos, dos quais nasce finalmente a forma. Ora, pela ligação intuitiva dos elementos, damos o melhor de nós mesmos. E mais uma coisa: pela aproximação intuitiva aprende-se melhor a conhecer os homens».



— Penso com o senhor — explica Bresson — que a intuição exerce um papel muito importante. Se não se cortar intuitivamente, as coisas correm mal. A forma é muito importante para mim. *Pela forma nasce o ritmo.* Vejo até o comentário como elemento de ritmo, depois como algo colorido e depois lhe dou uma significação. Estou convencido de que o público é muito sensível ao ritmo. Na composição de uma imagem, de uma sequência, vem, portanto, em primeiro lugar, o ritmo. E a composição deve ter um caráter espontâneo.

J.-L.G.: Quais são suas idéias sobre cinema? O senhor passou por uma evolução? Três ou quatro anos passados, eu tive determinadas idéias sobre cinema. Agora, não tenho mais nenhuma. (A entrevista é de maio de 1966.) Para ter novas idéias tenho que continuar filmando.

Bresson faz uma distinção clara na sua resposta entre o *cinema comercial*, que chama de *cinéma*, e o *cinema arte* ou «le cinématographe». «O cinema sempre saiu de um ponto de partida errado, isto é, do teatro de *music-hall*. Não, o *cinéma* não é arte, é uma imitação. As belas-arts são massacradas pelo *cinéma*, pela rádio, pela TV. Mas estas são as mesmas que vão reavivar as artes de uma maneira completamente diferente.»

G. L.

Ao fato de dar tanta importância aos *mínimos detalhes da fotografia*, Bresson responde que se pode verificar na sua obra uma simplificação cada vez maior. Mas esta simplificação não se pode ambicionar cedo demais. Ela tem que vir por si mesma. Tal simplificação exige uma fotografia ultrabalanceada.

— Que acha você sobre a *forma cinematográfica*? Por que (na montagem) corta aqui e não ali? Por que cortar? — pergunta J.-L. Godard.

I

SONETOS E POEMAS

Prefácio de Manuel Bandeira

II

À SS. VIRGEM E OUTROS POEMAS

III

CICLO LITÚRGICO

IV

FESTAS DO CAMELO

V

ALEGRIAS DE NOSSA SENHORA

Prefácio de D. Marcos Barbosa

AUTORA

Madre Maria José de Jesus

à venda:

— Ladeira de Sta. Teresa, 52

Z.C. - 45 GB

— Rua Joaquim Murtinho, 135

GB



IGREJA NO MUNDO



CECOSNE

Numa Região como o Nordeste, onde a população jovem representa 60 por cento do total, onde o número de escolas e professores está muito aquém das necessidades mais gritantes, onde a percentagem dos que chegam a concluir o curso primário é reduzida, porque as preocupações econômicas exigem de imediato a busca de emprego, é indiscutível a urgência do recurso aos meios de comunicação de massa para assegurar a continuidade do processo educativo, uma verdadeira promoção de nosso povo. Rádio, TV, Cinema, Teatro e Imprensa devem ser mobilizados em favor da educação e utilizados convenientemente, para que se possa assegurar maior êxito ao trabalho.

Muitos de nossos educadores qualificados poderiam ampliar seu raio de ação, atingindo número muito maior de pessoas, caso fossem despertadas para as vantagens do emprego dos meios de comunicação de massa e adquirissem os conhecimentos técnicos necessários para uma boa atuação nessa área.

Em nossas estações de Rádio e TV trabalha um pessoal cheio de boa vontade, carente, no entanto, de conteúdo cultural e por isso mesmo incapaz de dar a seus programas o rendimento promocional que deles se poderia esperar.

São conhecidas as falhas do nosso ensino superior tradicional, por falta de experiências válidas e de projetos de pesquisa mais arrojados, em busca de caminhos novos na educação para o desenvolvimento.

Respondendo a tôdas essas necessidades, foi criado na Faculdade de Filosofia do Recife o CECOSNE (Centro Educativo de Comunicações Sociais do Nordeste), «com a finalidade de preparar, treinar e capacitar pessoal para o trabalho de produção de Rádio, Televisão e demais meios audiovisuais na educação».

Teólogo pede paixão pela verdade

Hans Küng, teólogo suíço, afirmou em Pittsburgh (EUA) que a Igreja enfrenta o desafio de «uma nova paixão pela verdade», expressando também que a Igreja deveria demonstrar sua sinceridade, enfrentando as necessidades de pregar o Evangelho, em vez de esconder os problemas.

A Igreja, segundo Küng, deveria solucionar os problemas da moralidade matrimonial, especialmente o referente ao controle da natalidade; evitar que se multipliquem, na imprensa católica, «notícias triunfalistas» e «estatísticas unilaterais»; dar a conhecer os fracassos da Igreja e as opiniões dos opositores; eliminar a «arcaica e freqüentemente ridícula» pompa nos trajes clericais e cerimônias, assim como títulos feudais e decorações que chamem a atenção do mundo moderno. A Igreja permita também acrescentou o teólogo, a participação do clero e dos leigos na nomeação dos bispos. (CIC)

Os leigos na II Conferência Geral do CELAM

Declarava, há pouco, certo bispo: «Creio sinceramente que seria impossível realizar em nosso tempo algo da envergadura desta II Conferência Episcopal Latino-Americana, sem a participação de todo o Povo de Deus».

Tudo indica que nesta Conferência — momento talvez decisivo para a Igreja no Continente — o laicato vai desempenhar papel importante. Não basta contar com a representação de leigos de diferentes categorias, que apenas assistam aos trabalhos. O verdadeiro espírito de Povo de Deus que informa e anima a preparação da Conferência deverá certamente atuar em sua realização e prática e fazer superar a etapa da simples promoção do laicato. Efetivamente, é de se esperar que o leigo assuma, quanto antes, um papel de responsabilidade e confiança dentro da Igreja latino-americana.

Com esta nova visão que se delineia nos preparativos da II Conferência Geral do CELAM, parece que se começa a entrar em um novo caminho: teologia da responsabilidade do Povo de Deus. O leigo quer ser responsável, porque esta é a primeira consequência de sua vocação cristã.

Irmãos cooperadores

Para estudar sua atualização, estiveram reunidos recentemente, em Ponta Grossa (PR), os irmãos de ordens e congregações clericais. Neste encontro refletiram em conjunto sobre a Igreja no mundo de hoje, a teologia da vida religiosa, o religioso na Igreja em renovação, a realização da personalidade humana na vida de comunidade, o diálogo com os homens e a autopromoção do irmão religioso.

O encontro; de acordo com a avaliação dos próprios irmãos, foi muito útil e, no seu decorrer, foram tomadas diversas resoluções posteriormente encaminhadas aos superiores. Entre as quais destacamos:

— maior valorização do irmão religioso;

- um programa intercongregacional de formação metódica para os irmãos (pedem que isto se faça através da CRB);
- seja-lhes proporcionada uma educação ao menos de nível ginasial e, por fim, sejam respeitadas as tendências naturais dos irmãos mediante condições efetivas para uma vida de apostolado.

Conferência cristã pela paz

Durante o mês de abril realizou-se, em Praga, um encontro interconfessional para examinar os problemas da paz na hora atual. Compareceram aproximadamente 500 delegados dos cinco continentes (sendo 200 dos países ocidentais, 200 dos países do Leste e 100 dos países do Terceiro Mundo). Do ponto-de-vista confessional eram católicos, luteranos, calvinistas, ortodoxos, sob a égide da quarta Assembléia-geral da Conferência Cristã para a Paz.

O tema do Congresso foi **Salvai o homem, a paz é possível**. Foram estudadas questões importantes, como a teologia da paz, a guerra do Vietname, a ajuda aos povos subdesenvolvidos, a segregação racial, a morte de Martin Luther King. A mensagem final trazia declarações candentes, como estas: «Traímos nossa vocação cristã, porque excluímos toda a vida política de nossa confissão de fé. Desta forma toleramos e provocamos mesmo muitas injustiças na vida social... Como membros da família humana e da Igreja, devemos captar o sentido profundo dos programas, das ideologias e das utopias seculares, e tornamo-nos assim capazes, em diálogo e em colaboração com os não cristãos, de trazer nossa contribuição para o bem de todos os homens, para a justiça, para a liberdade e para a paz».

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL

à venda na C R B
Av. Rio Branco, 123 — 10º.
Rio — GB

Crise, diálogo e presença

Na I Reunião dos Secretários-Executivos das Conferências dos Religiosos da América Latina, realizada recentemente no Estado da Guanabara, três pontos ficaram bem ressaltados: a existência de crises profundas, a urgência de diálogo e a necessidade da presença da Igreja na realidade latino-americana.

A crise se apresenta no confronto das gerações, no choque das mentalidades. Uns, fazendo da vida religiosa uma forma privilegiada de santidade, sobrepõem-se aos demais cristãos. Fugiam do mundo e empregavam com sinceridade um ascetismo rígido. No entanto, dentro da sua concepção de mundo, entendiam não só as forças do mal mas também os valores humanos e terrestres. Embora estes valores fossem reconhecidos como tais, na prática integravam o mundo do pecado e eram alvo de descon-

Encarnação, esta presença é uma participação que conduz à entrega da própria vida.

A consequência dessas duas mentalidades são os vários conflitos que, aqui e ali, vão surgindo, cada dia. De fato, podemos constatar, subjacentes a todos os entrecosques, essas duas mentalidades. É delas que nascem os conflitos no interior das comunidades, os quais só poderão ser superados na medida daquele diálogo que começa com a mútua aceitação das posições. A mesma origem constatamos para os choques no relacionamento com os centros de decisão, quando estes ficam desinformados das realidades dos países latino-americanos. Por fim, muitas áreas da opinião pública espantam-se com as renovações que atualmente se processam. E, ainda aqui, verificamos como causa do espanto a mesma visão de uma Igreja que deveria espiritualizar-se, embora descomprometendo-se com o mundo.



Padre Edwards, presidente da CLAR, e o Núncio Apostólico no Brasil, presentes ao encontro dos secretários-executivos das Conferências dos Religiosos da América Latina

fiança. Em choque com essa mentalidade outros mais progressistas abraçaram uma nova concepção teológica. Diferenciam-se dos primeiros, não apenas pela idade. Encaram as realidades humanas e terrestres como instrumentos de graça e santidade. Neste sentido, a ascese que empregam não consiste propriamente numa fuga mas no uso cristão desses valores, numa participação que aos poucos purifica, numa santidade que se caracteriza pela presença. Na linha da

Diante desta situação crítica, impõe-se, como já dissemos, o diálogo. Mas um diálogo em todos os planos: «um diálogo real, e não conversa e passatempo». Dentro deste espírito, as Conferências dos Religiosos não podem ser tímidas, mas devem ser as «pontas-de-lança» do **aggiornamento**: pontos de partida para o diálogo. E num sentido mais amplo, Padre Aquino, Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil, afirmou: «Na medida em que as Conferências nos seus distintos níveis participarem da ela-

boração mesma dos planos de pastoral, participarão também eficientemente de sua execução».

Ora, o diálogo, para não ser pasatempo, implicará em presença na realidade. Esta realidade latino-americana que vem apresentando uma situação social das mais graves é capaz de provocar declarações e posições até contraditórias por parte de líderes católicos. Todavia, «isto indica que surgiu uma consciência nova na Igreja depois do Concílio Vaticano II. Antes, os problemas eram tratados abstratamente no campo dos princípios, enquanto os documentos da Igreja de hoje estão ordenados para um exame das situações concretas». Na opinião pública, a Igreja tem duas imagens: de um lado é aliada dos poderosos, de outro é possuidora de um espírito generoso.

Entretanto, hoje é cada vez mais urgente, de modo particular na América Latina, que os cristãos se desvinculem dos poderosos e que através de todas as suas instituições e obras se engajem no serviço de seus irmãos.

De modo geral, estas foram as linhas estudadas durante o recente encontro dos Secretários-Executivos. Espera-se, daí, maior conjugação de esforços no sentido de um cristianismo mais presente e atuante.

Lercaro, Legado do Papa a Bogotá



No dia 25 de abril, Paulo VI nomeou para Legado seu, ao Congresso Eucarístico de Bogotá, o Cardeal Giacomo Lercaro. A designação não significa, necessariamente, que o Papa tenha desistido de participar com sua presença no Congresso. Poderá comparecer «se sua saúde e a situação mundial o permitirem». Por outro lado, não há como não sublinhar o significado de que se reveste tal nomeação em se tratando de quem para tanto foi escolhido. É uma prova de confiança e do alto aprêço com que o Papa, na carta dirigida ao ex-

-Cardeal de Bolonha, distingue a pessoa dêste, quando diz: «Quisemos confiar-vos a tarefa de Nos representar na certeza de que levareis a êste Congresso, o primeiro que se realiza após o Concílio, vossa voz de mestre e vosso ardor apostólico».

Na mesma bula, Paulo VI se refere ao trabalho realizado por essa notável figura do Episcopado italiano como Presidente da comissão de reforma litúrgica, afirmando que «esta obra ficará ligada a seu nome». Conclui desejando que «a Igreja possa gozar ainda durante longos anos da vossa valiosa experiência nesta nova fase de vossa vida, rica de obras e de doutrina, no fiel exercício de sua função sacerdotal e pastoral».

A homenagem prestada assim pelo supremo Pontífice a Lercaro vem pôr termo a tristes campanhas em que vários elementos do clero e do laicato conservador ou integrista da Itália envolveram o nome do grande Arcebispo que êle soube ser. Considerado uma das figuras mais destacadas na ala progressista e renovadora, contra êle moveu duros ataques o escritor Tito Casini num panfleto que trazia prefácio do Cardeal Bacci. Foi quando Paulo VI interveio para manifestar o seu desagrado contra os adversários do Cardeal de Bolonha.

Em janeiro dêste ano, por ocasião do Dia Mundial da Paz, Lercaro, num admirável sermão, em que condenava a guerra do Vietname, fêz estas corajosas declarações: «A Igreja não pode permanecer neutra em face do mal, de onde quer que êle venha. Seu caminho não é a neutralidade, mas a profecia. Mais vale correr o risco de suportar críticas do que ser alvo, afinal, da reprovação de todos, por não ter sabido, quando ainda era tempo, contribuir para evitar as decisões mais trágicas e esclarecer as consciências à luz da palavra de Deus».

Esperamos que, neste Congresso Eucarístico, agora em agosto, a vinda de Lercaro não seja apenas uma presença de *décor*, como poderia ser a de outros, mas uma presença significativa para o nosso Continente, cuja necessidade de palavras e gestos proféticos tanto se faz sentir.

O «Terceiro Homem»

Terceiro Homem, expressão do jesuíta francês Roustang, está sendo usada para designar o homem que continua a se considerar cristão, que aceita a doutrina mais ou menos ortodoxa, mas que se distanciou da Igreja-instituição e da prática religiosa regular.

O fenômeno é universal e levanta, para a Igreja, graves pro-

blemas. Trata-se de procurar saber, entre outras coisas, o que êste **Terceiro Homem** pensa, no que êle acredita e por que êle se afastou da Igreja. Neste sentido, a revista **La Vie Catholique Illustrée** pediu ao Instituto Francês de Opinião Pública que realizasse uma pesquisa. Aqui estão alguns dos resultados. Se bem que não possam, sem mais nem menos, ser transferidos para o nosso País, não deixam de constituir subsídio importante:

■ Oitenta e dois por cento se declararam católicos, dos quais 21% praticantes e 61% não praticantes.

■ Dentre êstes não praticantes, um certo número é na realidade de não crentes, e 38% representam os realmente crentes não praticantes, isto é, aqueles que se consideram católicos, crêem em Jesus Cristo, mas não participam regularmente do culto. É sobre êstes que foi feita a pesquisa.

■ Em questão de doutrina, êles são, em última análise, iguais aos praticantes. Contudo, diferenciam-se nitidamente dêles em questões relacionadas com as práticas da Igreja. Acham 90% que se pode viver o Evangelho sem ir regularmente à missa. Setenta e cinco por cento preferem se conservar livres, em lugar de seguir as orientações de um pároco. Há 61% que questionam a atual confissão. Quanto à Igreja, acham 59% que ela se põe muito ao lado dos ricos, 54% que ela se afastou de Jesus Cristo, 49% que ela prega muito a resignação. Muitos questionam a moral católica, sobretudo no que diz respeito à recusa de sacramentos aos divorciados. Outros, pelo contrário, se acham perturbados pelo **aggiornamento**.

■ Quanto ao momento em que se deu o abandono da prática religiosa regular, 25% declaram que foi entre 10 e 15 anos, 44% entre os 16 e 30, isto é, na entrada da vida adulta.

■ Solicitados a explicar as circunstâncias, 37% afirmaram ser o acúmulo de trabalho profissional e familiar, 15% sua indiferença, 6% aspectos condenáveis das práticas, 4% atitudes de membros do clero.

De um modo geral, as respostas coincidiram não tanto nas objeções contra a Igreja, mas na aspiração — muitas vezes confusa e incoerente — de que a Igreja se adapte às preocupações e tarefas do homem de hoje. Em outras palavras, desejam que a Igreja se manifeste como uma comunidade diretamente comprometida com a vida dos homens.

O MOVIMENTO ECUMÊNICO NO BRASIL

O ecumenismo não pode ser reduzido a um ramo particular das Igrejas cristãs, mas deve consistir, fundamentalmente, em uma mentalidade que penetre todos os cristãos e torne a pastoral o instrumento da unidade em todos os sentidos. As notícias que seguem dão o panorama geral do ecumenismo no Brasil.

Os Centros Ecumênicos de Curitiba e do Rio de Janeiro

São centros interconfessionais, nascidos de um anseio comum de busca de unidade. Existem, como pontos de convergência, diálogo, estudo e promoções ecumênicas conjuntas.

O Centro Ecumênico de Curitiba foi o primeiro a nascer no Brasil. Existe há vários anos. Manteve sempre um boletim **Unidade**, formativo e informativo. Promoveu a celebração anual da Semana de Oração Universal pela Unidade Cristã, em Curitiba. Conseguiu trazer teólogos da Europa e de outras partes para enriquecer o diálogo. Em suma, foi sempre um foco de dinamismo ecumênico dos mais sérios e qualificados. O ecumenismo do Sul tem nele um símbolo e uma força.

O Centro Ecumênico do Rio de Janeiro nasceu sob o signo da reflexão, em busca da unidade, pois nasceu no dia do 450.º aniversário da Reforma Luterana, a 31 de outubro de 1967, ao término das comemorações da importante data, realizadas no Rio de Janeiro, em conjunto, por católicos e protestantes.

A importância destes Centros está sobretudo no fato de serem interconfessionais. Nêles se encontram, colaboram, estudam, dialogam e rezam, juntos, cristãos de diferentes denominações, como sinal e semente da futura unidade restaurada.

Fraternidade da Reconciliação

Há quase um ano, alguns monges de Taizé, após contatos mantidos pelo Abade beneditino Dom Basílio Penido, do Mosteiro de Olinda, com o Prior de Taizé, em 1965, vieram ao Brasil para ten-



tar aqui uma experiência semelhante à de Taizé. Propuseram-se conviver sob o mesmo teto, com alguns monges beneditinos do Mosteiro de Olinda, e com eles viver ecumênicamente o ideal monástico. A comunidade tomou o significativo nome de Fraternidade da Reconciliação.

A vida dos monges de Taizé pode ser considerada como das mais significativas realidades ecumênicas de hoje em dia, sobretudo porque se converteu em vida, compromisso existencial e oração contínua.

Bíblia Ecumênica

A Bíblia é a norma última e comum de fé para todos os cristãos. Constitui, por isso, uma das maiores bases para se restaurar a unidade perdida. Por isso, o ecumenismo procura, em toda parte, promover estudos para que se chegue a um texto traduzido dos originais e que seja aceito por todas as denominações cristãs, como texto básico de diálogo. É o que se costuma chamar de Bíblia Ecumênica. Também entre nós se almeja o mesmo. Vindo ao encontro deste desejo e necessidade, a comunidade de Taizé se propôs custear, para o Brasil, por ora, uma edição ecumênica do Novo Testamento. Já foi nomeada uma comissão de exegetas (quatro católicos e quatro protestantes) para constituir um texto comum, que será publicado muito em breve.

Diálogo Ecumênico em São Leopoldo

Há muitos anos os Padres Jesuítas do Seminário Maior Cristo Rei, de São Leopoldo (RS), mantêm, periodicamente, encon-

tros de estudo com teólogos luteranos, professores na Faculdade Luterana de Teologia da mesma cidade. Trata-se de um diálogo ecumênico, no campo da alta teologia. Hoje, o círculo já se ampliou, e dele participam também teólogos católicos, professores no Seminário Maior de Viçosa (RS) e outros.

A importância destes diálogos teológicos não está apenas no fato em si, mas também porque seus participantes são quase todos professores de seminários maiores, onde se formam os futuros pastores e padres.

Relações com os ortodoxos

Em todo o Brasil as relações ecumênicas entre a Igreja e as Igrejas Ortodoxas são das melhores. Especialmente fraternais são as relações entre a hierarquia católica e os hierarcas ortodoxos em São Paulo. Outro exemplo, apenas para citar mais um, ocorre em Anápolis, Estado de Goiás. Nesta cidade o bispo católico e os ortodoxos testemunharam, com significativos gestos, sua caridade fraterna e a busca da unidade.

Pesquisa ecumênica

Vem sendo realizada uma pesquisa científica sobre o ecumenismo no Brasil. A pesquisa faz parte do Plano Nacional de Pastoral de Conjunto e foi encomendada ao CERIS pela CNBB. Numa evolução ulterior, foi integrado também o IEP (Instituto Evangélico de Pesquisa), que hoje, além do mais, é responsável pela administração da secretaria de pesquisa. Dessa forma, os realizadores da pesquisa não apenas estudarão o ecumenismo, mas também, como sinal e para maior eficiência, formarão um grupo interconfessional de espírito ecumênico.

Grupo ecumênico de jovens

É outra experiência que merece destaque. Citamos aqui as palavras de um de seus orientadores, o Padre Guy Ruffier, SJ: «O ecumenismo, assim o creio, não é uma concordata, em papéis, a respeito de dogmas e idéias. Antes de tudo, êle deve ser vivido na prática de uma familiaridade e amor humanos, a tôda prova. Os jovens, mais facilmente que os adultos, entendem isso. Não vivem de idéias nem de papéis. Vivem de convívio, de programas, de coisas novas. Enfim, vivem.

É neste sentido que funciona um grupo ecumênico de jovens cristãos da Guanabara. São jovens, na maioria estudantes secundários, que se reúnem tôdas as quintas-feiras. São assistidos por dois ministros: um pastor protestante e um sacerdote católico» (*Convergência*, novembro 1967, p. 20).

Centro Ecumênico de Informação

Boletim de notícias ecumênicas, internacionais e nacionais, muito valioso para o ecumenismo. É editado por um grupo de ministros e leigos que se reúnem regularmente para analisar problemas da Igreja e do mundo. O grupo é interconfessional, é esclarecido e muito atuante. Seus membros visam a um ecumenismo que assuma suas responsabilidades de serviço no mundo de hoje. Neste sentido, o boletim vem acompanhado, cada vez, de um documento sobre temas da atualidade. É editado no Rio de Janeiro.

Editôra Paz e Terra

Em 1966 surgiu, na Guanabara, uma nova editôra, com o sugestivo nome de PAZ E TERRA. É obra de um grupo de cristãos especialmente sensíveis às tarefas temporais, aos valores humanos e ao ecumenismo. Seus objetivos são promover o ecumenismo e o humanismo, o encontro e o diálogo. Já lançou uma série de livros selecionados e uma revista com o mesmo nome Paz e Terra. Estes lançamentos correspondem, realmente, ao que a Editôra se propôs como meta. Seu significado ecumênico está, de modo particular, em promover um ecumenismo que seja semente de humanismo cristão e evangélico, capaz de responder aos apelos de serviços aos homens, na construção do mundo.



TRISTÃO DE ATHAYDE, A LUCIDEZ CRÍTICA

A obra de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) abrange dois períodos bem distintos: a pura fase de crítica literária, que se entende de 1919 a 1928, e o período de militância católica, posterior à sua conversão ao catolicismo.

Este ano, a 15 de agosto, fará quarenta anos de sua Comunhão, na Igreja de Santo Inácio (na Missa do Padre Leonel Franca). Essa conversão viveu-a Tristão de Athayde sob o signo de Maritain, Chesterton, Fulton Sheen, o de *God and Intelligence* e, próximamente, de Jackson de Figueiredo e do próprio Padre Franca. A correspondência com Jackson prolongou-se de 1921 a 1928 e evoluiu do plano puramente político, em que começara, com a discussão tipicamente bernardista sobre autoridade versus liberdade, para o plano metafísico e teológico.

Quem era Tristão de Athayde, em 1928? Um crítico literário, influenciado por Anatole France, Jules Lemaitre, Remy de Gourmont, isto é, o impressionismo francês de *fin de siècle*. E, sobretudo, por Benedetto Croce, o neo-hegeliano. Um jovem dado às letras que renunciara ao conto e à poesia por timidez ou pudor, e que, convidado por Renato de Toledo Lopes, quando da fundação de *O Jornal*, em junho de 1919, manteve por dez anos, com perfeita fidelidade, a seção de livros do nôvo matutino, escondendo-se no pseudônimo, que logo se desvendaria. Há uma carta de Capistrano de Abreu ao historiador português João Lúcio de Azevedo, de 1920, em que êle revela o verdadeiro nome do jovem grande crítico literário.

Alceu foi, nesse primeiro período de sua vida intelectual, o crítico por excelência do modernismo, aquele que o compreendeu, que o justificou, aquele que lhe deu consistência, interpretando-o,

aquêle que revelou ao Brasil os valores novos da sua poesia, da sua ficção e da sua ensaística e, simultaneamente, revelou ao Brasil os grandes valores da cultura universal, como um Proust, um Pirandello ou um Maritain ou um Chesterton. Quem primeiro escreveu sobre Proust no Brasil (em 1924) foi êle. Pode-se dizer que, através dos artigos semanais de crítica de Tristão de Athayde, os seus rodapés, tôda uma geração literária aprendeu a sentir e a pensar.

A primeira fase, logo posterior à conversão religiosa, está ainda impregnada de um certo maurasianismo, pois Jackson era um discípulo de Maurras, como era um herdeiro de Donoso Cortés, ou de Joseph de Maistre. A primeira evolução de Alceu foi no sentido de libertar-se de uma visão ainda reacionária do cristianismo, e nesse processo o ajudou a sua inata vocação pessoal para a liberdade. O espírito de Alceu existiu sempre sob o signo da liberdade e também da universalidade. A nítida evolução de Maritain, entre 1930 e 1936, rumo à liberdade ou a um ideal democrático, assim como está no *Humanismo Integral*, de 1936, marcou fundamente a obra de nosso Tristão, como, por exemplo, *No Limiar da Idade Nova* ou *O Espírito e o Mundo*. O crítico literário, o esteta, se transformava em crítico de idéias e em líder social.

Os grandes livros, ou os livros típicos, dessa longa aventura cultural seriam *Problema da Burguesia*, de 1931, a sua ruptura com a burguesia, *Meditação sobre o Mundo Moderno*, de 1942, e *Mitos do nosso Tempo*, de 1943. Uma obra de ensaísta que era uma permanente interpretação do mundo moderno (seu grande tema), uma corajosa e lúcida análise da problemática política e cultural, sobretudo cultural, do



ESTANTE DE LIVROS

nosso tempo. O Brasil não está ausente dessa admirável síntese analítica: volumes como **Pela União Nacional**, de 1942, testemunham o seu interesse, ou a sua inserção. O Brasil, que tanto aparecia nas cinco séries de **Estudos**, em que ele reuniu, de 1927 a 1933, seus artigos de crítica, é uma das preocupações constantes e profundas desse pensador independente.

Um estudo seu, de 1924, **Política e Letras**, que aparece no volume coletivo **À Margem da História da República**, organizado por Vicente Licínio Cardoso, e em que colaborava toda a geração que começou a escrever por volta de 1910, exprimia claramente a dupla vocação, intelectual e política, literária e cívica, do seu autor.

Em 1946, publicou ele **O Problema do Trabalho**. Era uma fase mais social que se abria. Em 1945, encerrou o seu rodapé de crítica, que, com muitas interrupções, mantivera ainda em **O Jornal**, mesmo depois da conversão. Em 1947, iniciou a sua colaboração em **Diário de Notícias**, também semanal, que se estenderia por dezenove anos, até 1966. Em 1958, começou a colaborar no **Jornal do Brasil**. Nos últimos anos, o caráter social de sua pregação, que se manifestara mais vivamente depois da Segunda Guerra, transformou-o numa espécie de novo Nabuco, isto é, um libertador. A sua admiração, aliás, ao papel histórico de Nabuco é antiga.

Trata-se, pois, de um **Scholar**, de um apolíneo, de um homem de gabinete que se faz povo, para trabalhar eficazmente pela real libertação dos oprimidos. O seu amor ao povo o arrancou da sua biblioteca e o lançou no processo da História.

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA

A Igreja no Mundo de Hoje, obra coletiva dirigida por Frei Guilherme Baraúna, OFM, edição brasileira aos cuidados de Frei Frederico Vier, OFM Editôra Vozes Petrópolis, 1967. 230x160, 728 pp.

Se a Constituição **Gaudium et Spes** sofreu de alguma improvisação, seu comentário coletivo dirigido por Frei G. Baraúna seguiu o exemplo do modelo analisado. Não se trata de uma obra-prima nem mesmo da melhor obra da coleção. Os autores repetem até à saturação introduções históricas que trazem muitas vezes mais confusão do que clareza, sobretudo quando um tradutor como Luís Leal Ferreira a isso acrescenta próprias esquisitices de vocabulário e sua incrível complicação de estilo. Comparar-se-á com as excelentes traduções de Frei Edmundo Binder.

Quanto ao fundo, pretendeu-se aparentemente contentar a todo mundo, fazendo apêlo, de maneira predominante, é verdade, a personalidades cuja abertura e competência são incontestáveis (Mons. M. McGrath, J. M. Tillard, P. Smulders, M. D. Chenu, O. Rousseau, L. Vischer...) e que têm algo para dizer e às figuras reacionárias, das quais é preferível não comentar a insignificância e a confusão das contribuições: pensamos sobretudo em Raniero La Valle e em Giuseppe Alberigo.

O conjunto dá amplo material não decantado: material de onde o leitor corajoso e bem formado poderá tirar muitas valiosas informações e alguma luz. Apreciamos a importância dada à dimensão ecumênica dos problemas e a contribuição trazida a esse respeito em particular por não católicos.

Um comentário, artigo por artigo, nos levaria muito longe, sobretudo se quiséssemos justificar com citações tudo o que afirmássemos. Contentar-nos-emos, portanto, com algumas reflexões sobre o apêndice de autoria do Padre Charbonneau. Como dignos de admiração apontamos o seu trabalho de exegese (comparação, ponto por ponto, da **Gaudium et Spes** e da **Populorum Progressio**), a amplitude de sua informação internacional e, sobretudo, o vigor de sua excelente e muito notável primeira parte: «O drama do mundo contemporâneo». Apreciamos, sobretudo, vê-lo destacar ousadamente, numa densa página bem documentada, o problema alarmante da superpopulação (IV, p. 641); esse problema ainda é negado, comumente, pela parte mais influente da opinião católica (bem representada no assunto pelo Padre De Lestapis, SJ). No plano da Igreja univer-

sal, e pela parte mais numerosa da opinião brasileira, por razões diferentes, embora às vezes cumulativas, que não é difícil perceber. Pensamos com o Padre Charbonneau que este problema é grave. Estamos menos de acordo, porém, quando o autor retoma, na segunda parte, tom e argumentos de uma fraca apologética (sobretudo p. 648, segundo parágrafo). Padre Charbonneau está preocupado particularmente em demonstrar a perfeita homogeneidade e continuidade da chamada Doutrina Social da Igreja, o que nos parece suscitar três tipos de críticas: 1) um estudo histórico mais exaustivo mostraria a existência de textos divergentes, até das instâncias supremas da Igreja; 2) o método minimiza a originalidade da contribuição dos textos mais recentes na preocupação exagerada de comentá-los à luz de textos mais antigos, esquecendo-se talvez do caráter contingente e histórico de uma encíclica social; 3) a conclusão à qual leva é: «a Igreja tem razão, a Igreja sempre teve razão». Mas, aí precisamente, surge o problema angustiante: há séculos que a Igreja tem razão, multiplica os discursos, expondo os bons princípios, e ainda o mundo está como está (ver a primeira parte do próprio texto do Padre Charbonneau). Será, então, que o papel da Igreja é isso: ter razão no meio da angustiante miséria do mundo? Será que isto basta para a sua boa consciência?

HUBERT LEPARGNEUR

Josef Andreas Jungmann
Catequética
Ed. Herder, 1967

Renomado por sua contribuição no campo da liturgia — publicação de **Missarum sollemnia** — e por sua intervenção brilhante na primeira sessão do Concílio Ecumênico, J. A. Jungmann escreveu também obras de catequese como **Nossa Pregação**, e atualmente apresenta em 3.^a edição **Catequética**, cuja tradução se beneficiou da renovação litúrgica de após-Concílio.

Jungmann preocupa-se não apenas em historiar cronologicamente a catequese, mas em refletir, criticar e confrontar os passos sucessivos que ela vem dando, sobretudo na Alemanha.

Fundamentando-se nas principais obras da patrística, apresenta essa evolução desde a catequese dos primeiros cristãos à reforma tridentina, e daí até os nossos dias.

Caracteriza a tarefa do catequista como não limitada à simples doutrinação, mas ampliando-

-se para uma educação da fé vivenciada no agir cristão. De onde, a grande importância tanto do testemunho do próprio catequista, como da estruturação do plano catequético. Jungmann opta pelo método intuitivo baseado nos princípios didáticos de Herbart, o qual se desenvolve em três fases. Ao mestre compete: expor — explicar — aplicar, visando conduzir o educando da percepção à compreensão e à atuação. Insiste bastante neste aspecto, na época, revolucionário, do ensino catequético, e procura adaptá-lo aos diferentes grupos e estágios dos catequizandos. Acompanha as características psicológicas das diferentes idades, pronunciando-se de maneira muito feliz sobre a maturação da fé necessária para a recepção dos sacramentos.

Muito oportuna é a dimensão pastoral inserida em apêndices na 3ª edição, incluindo um substancial comentário do Símbolo dos Apóstolos e um resumo histórico da catequese no Brasil.

É enfim uma obra básica para a reflexão de todos aqueles que se dispõem a atuar no campo da catequese em qualquer dos níveis.

IRMA VIOLETA PADIN, OP

Michel Rousseau
**Mission et Formation des
Catéchistes**
Ed. Lumen Vitae

Canadense de origem e missionário devotado do Nordeste brasileiro, desde sua ordenação consagrou-se à formação e orientação de catequistas na Escola Diocesana de Pinheiro. O autor parte da apresentação do meio a evangelizar — o nordeste em transição — que é o Estado do Maranhão, com suas características mescladas de cristandade instalada e de miséria inconformada, onde a grande tarefa evangelizadora é saber assumir os valores humanos através do mistério pascal, numa perspectiva de esperança.

Enfatiza, e muito bem, a necessidade de uma evangelização encarnada, a partir da situação real e dos acontecimentos vividos: evangelização que só se enraizará se contar, ao mesmo tempo, com uma comunidade viva em sua organicidade, expressão tangível do que está sendo apregoado.

Após todo um levantamento detalhado das cidades onde fez suas experiências pastorais, Rousseau lança diretrizes para uma evangelização com vistas ao desenvolvimento, chegando mesmo à concretização de um farto material em programação catequética, cujo grande mérito é ter sido experimentado em terreno brasileiro.

IRMA VIOLETA PADIN, OP

Jeanne Marie Digeon
Por Jesus, Deus nos Fala
Ed. Vozes

Livro que Jeanne Marie Digeon dedica às catequistas que se ocupam do ensino religioso dos seis ao sete anos, procurando concretizar em planos de aula as diretrizes catequéticas de sua obra anterior, **Deus Revelado às Crianças**.

A autora tem o mérito de tentar conduzir a criança à descoberta de Deus sobretudo, beneficiando-se de uma disciplina de interiorização, a qual, em feliz hora, constatamos estender-se a todo ensino elementar que se vem pautando pela metodologia de Montessori e Lubienska de Lenval.

Não podemos, contudo, deixar de salientar o nível cultural dessa catequese, que arrisca tornar-se nocional e desvitalizada para a criança brasileira.

Por outro lado, Digeon foi muito feliz nas lições 19 e 20 onde partiu de um fato vivido pela criança, tornando, por isso mesmo, bem acessível a adesão à mensagem espiritual.

Percebemos também que uma ênfase exagerada da interiorização para crianças de seis a sete anos pode atrofiar a evolução normal de sua socialização, fomentando a ética individualista da qual justamente queremos nos desvencilhar.

Não desmerecemos, entretanto, todo o grande valor das descobertas de Lubienska, sobretudo no terreno do ensino religioso. Apenas, salientamos a falta de adequação que no cotidiano se percebe, devido à carência de recursos humanos para sua execução em sintonia com a mentalidade da criança brasileira.

A obra seria destinada sobretudo a catequistas que se preocupam com o estudo comparado das diferentes escolas catequéticas, no sentido de produzir algo autóctone para a nossa catequese.

IRMA VIOLETA PADIN, OP

MOHANA, João — Padres e Bispos auto-analisados, AGIR, Rio 1967, 180x115, 308 pp., NC\$ 6,00.

Fruto de uma experiência em que o autor ministrou «algumas noções básicas de Psicanálise para a vida sacerdotal» a um grupo de cinco neo-sacerdotes, no Seminário de Viamão (RS), saiu a público, meses atrás, esta obra a tantos títulos louvável. Ao que sabemos, única no gênero. Sóbria e rica. Rica de estudo e de experiência. A um tempo didática, normativa e aplicada. Aplicada a um círculo de leitores que, chamados por missão a dirigir outros, nem sempre lhes é fácil ter à mão alguém ou outro re-

curso em se tratando de sua própria direção. Aquelas preleções que durante alguns meses ocuparam, vai já para dez anos, o médico então ainda seminarista João Mohana, estão aí, sem em nada perderem sua atualidade. Pelo contrário.

Depois que o Concílio apelou para «as mais recentes conquistas da sã psicologia» (OT, n.º 11), dia-a-dia aumenta mais o interesse por essa ciência, naquilo que possa contribuir para a formação do sacerdote. Nem admira o sucesso do livro: em poucos meses esgotou-se a primeira edição de PADRES E BISPOS AUTO-ANALISADOS. Por mais que a disciplina adotada antes neste ou naquele seminário ou no governo de uma diocese e por mais que a própria pessoa sobretudo possam ser atingidas na análise a que leva a leitura de cada página, por mais riscos em que venham a incorrer talvez conceitos de auto-estima e formas atávicas de educação — o preço de um clero tipo Vaticano II vale bem uma prova de fogo, se fôr o caso. «Como sacerdotes que somos, padres e bispos temos muitos problemas comuns» (p. 7). Além de sua competência, o mundo reclama do padre uma personalidade «necessariamente coerente, correta». A tanto se propôs J. Mohana, ao dar-nos a conhecer «sua experiência de medicina e psicologia a serviço de seus colegas», a fim de «tornar-nos barro mais apto para Deus modelar o padre e o bispo que tem em mira oferecer a seu povo. (...) Se não formos autênticos, os homens fugirão de nossa companhia, correrão de nossa amizade, distanciar-se-ão de nossa mensagem» (p. 11).

São treze capítulos densos de observação, de lucidez, de coragem, de lealdade, em que o Padre Mohana coloca ao dispor o necessário instrumental para que seus irmãos de sacerdócio, aqueles que o quiserem, possam revelar-se, por si sós, seu auto-retrato. Não desaconselha a «ajuda competente e idônea» junto a um psicanalista, é certo, mas tal não é necessário quando basta auto-analisar-se através da Psicanálise. De forma acessível e válida. É o que justifica, em suma, a determinação desse escritor e padre maranhense, a rôgo de colegas de ministério, em publicar PADRES E BISPOS AUTO-ANALISADOS.

Um presente verdadeiramente precioso para todo o clero do Brasil. Como de irmão para irmão. Por extensão, também para aqueles e aquelas que se consagraram uma vez ao serviço de Deus e do mundo em que vivem.

B. N.